



Dino Azul



NATAL
1948
ANO XXI
Nº 236



oas

Festas



SINO AZUL enche-se de alegria quando chega o Natal e não se contém na ânsia de se multiplicar e transformar em sonoro carrilhão, para levar anualmente a seus leitores e colaboradores mensagens cheias de carinho, a serem recebidas em ambientes repletos de calma e harmonia. Assim tem sido, e mais uma vez esta revista aqui está com o objetivo de satisfazer esse prurido de solidariedade humana, que é uma das características morais mais nobres do homem sobre a terra.

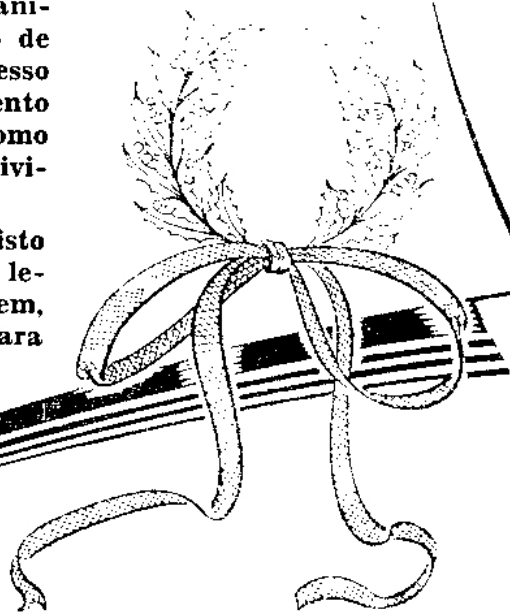
Essa solidariedade é o esteio da humanidade na luta contra o egoísmo e todas as consequências dele decorrentes, como, por exemplo, no campo político, as formas de governo discricionário, que na sua propaganda iludem a opinião pública com propósitos democráticos, mas em cuja vigência desaparecem por completo todas as liberdades conquistadas no decorrer dos tempos e só garantidas pela democracia.

SINO AZUL assim fala, em sua mensagem de votos de feliz Natal e Ano Bom a todos os funcionários da C.T.B., porque o momento que atravessamos é dos mais perigosos por que o mundo tem passado, assistindo-se à luta travada para que haja paz duradoura entre os povos, tendo de um lado as forças do bem, representadas pelas nações amigas e paladinas da liberdade, e de outro lado as forças do mal, constituídas de países submetidos a um regime político que escraviza os povos e em cujos domínios, fechados à visita de estranhos, não existe nenhuma espécie de liberdade.

Natal é uma tradição do Cristianismo e foi ele que operou, embora lentamente, a mudança de mentalidade do mundo antigo, medieval, moderno e mesmo contemporâneo, conseguindo suprimir, pouco a pouco, o despotismo com o triunfo dos direitos naturais do homem e a imposição do respeito às suas liberdades essenciais.

E nesta data cristã é bom lembrar a histórica evolução mental da humanidade, de que resultou o atual estado de civilização do mundo e cujo progresso material guarda com o adiantamento moral e espiritual uma proporção como não existiu no auge das primeiras civilizações.

Que os ensinamentos de Cristo continuem a fertilizar os corações, levando-os ao caminho e à prática do bem, que engloba todas as tendências para realizar a felicidade terrena.





Natal & Ano Bom

H. B. Style
PRESIDENTE

H. L. Banfill
VICE-PRESIDENTE

ÊSTE período de Natal e Ano-Bom nos proporciona mais uma vez o grato ensejo de nos dirigirmos a todos os funcionários da Companhia Telephonica Brasileira e suas queridas famílias, desejando-lhes que passem essas datas tradicionais em meio da maior harmonia e felicidade.

O transeurso dêste ano nos proporcionou motivos de júbilo pelas nossas realizações em beneficio do público a quem servimos e de apreço pelo trabalho produzido pelos funcionários que cooperaram para êsse bom resultado. Certamente, no próximo ano prosseguirá êsse ritmo de excelentes esforços no sentido de fornecermos um serviço cada vez melhor, para atingirmos um conceito público cada vez maior.

H. B. Style
PRESIDENTE

H. L. Banfill
VICE-PRESIDENTE

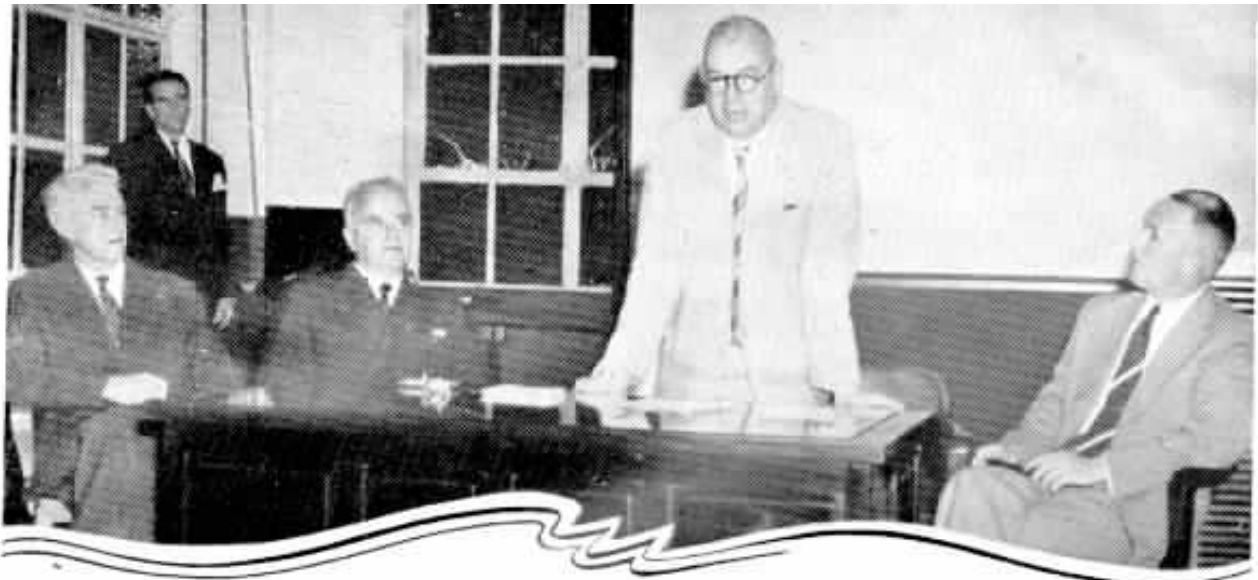
Major K. H. McCrimmon
VICE-PRESIDENTE

Pedro Renault Castanheira
SUPERINTENDENTE GERAL

Major K. H. McCrimmon
VICE-PRESIDENTE

**Pedro Renault Cas
nheira**
**SUPERINTENDEN
GERAL**





O Superintendente Geral da C.T.B., Sr. Renault Castanheira, quando falava, antes da entrega dos prêmios, vendo-se os demais componentes da mesa, Srs.: Gilbert Hearn, Dr. J. G. de Aragão e L. V. Jones.

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS

A entrega dos prêmios

COMO coroamento da bela iniciativa que foi a abertura do primeiro concurso de fotografias promovido pelas Companhias As-

sociadas entre os seus empregados, efetuou-se a entrega dos prêmios aos vencedores do interessante certame, que empolgou os amadores fotógrafos existentes em nossa vasta organização.

A entrega dos prêmios realizou-se no auditório do

salão de recreio do Restaurante Central das Companhias Associadas, na avenida Marechal Floriano Pei-

(Continua na pag. 6)

Aspectos da entrega dos prêmios aos vencedores do concurso de fotografias





Sino Azul

BOLETIM MENSAL DA COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA
ANO XXI NOVEMBRO - DEZEMBRO 1948

N.º 236

E. M. BRANDÃO — Diretor Responsável

CAIXA POSTAL 450

RIO DE JANEIRO

Expressões de Patriotismo e de Fé



NOVEMBRO é um mês querido para os brasileiros, que nele comemoram a data da transformação política do Brasil de Império em República, regime que deu a todos os filhos deste grande país o direito de dirigir-lhe os destinos.

Foi em 15 de Novembro de 1889 que o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República dos Estados Unidos do Brasil, iniciando-se uma nova fase de atividades na vida nacional. O Marechal Floriano Peixoto foi o consolidador da forma republicana de governo.

O Brasil foi crescendo no conceito das nações e tem tido papel de destaque nos acontecimentos mundiais, sendo o seu nome respeitado pelo esforço em favor do maior entendimento entre os povos e pelo amor à liberdade, que ele ajudou a defender nas duas grandes guerras, em que ficou provada a bravura do soldado brasileiro.

As comemorações da data de 15 de Novembro encontraram o Brasil reintegrado no espírito do regime proclamado em 1889, isto é, um governo republicano na sua forma democrática, a única que condiz com o espírito de independência do nosso povo e com as tradições do Brasil.

O dia 19 de Novembro é a segunda data que os brasileiros festejam nesse mês, o Dia da Bandeira, cujo culto é inato e espontâneo na alma dos brasileiros, que se orgulham de vê-la desfraldada, iluminando os corações transbordantes de patriotismo, seguros de que ela drapeja soberana, dominando soberana pelo nosso imenso Brasil, por ela conduzido aos seus destinos gloriosos, indiferente ao derrotismo que pretenda deter-lhe a marcha ascensional.

Foi com esse carinhoso sentimento que se festejou o Dia da Bandeira, que se alteia sempre resplendente de beleza e de esperanças, quer nos dias bons, quer nos períodos maus.



Dezembro tem uma data que empolga não só o Brasil como o mundo inteiro. 25 de Dezembro é o dia tradicional de Natal, festa da cristandade que os governos autoritários procuraram extinguir, mas não conseguem, porque o nascimento de Jesus é uma comemoração consagrada entre os povos cristãos em todo o globo terrestre.

O Equinócio do Inverno, festa pagã ressuscitada na Alemanha por Hitler, para substituir a de Natal, teve duração efêmera e mesmo assim não conseguiu empanar os brilhos da fé no coração dos adeptos do cristianismo, em suas várias seitas, em todo o país. O Natal, durante aquela ditadura, era festejado no silêncio dos lares, enquanto na praça pública se desenvolviam os ritos bárbaros do paganismo extemporâneo.

O Natal não deixará de ser festejado mesmo em países cujos governos negam a liberdade de pensamento e, portanto, de religião; que negam a liberdade do povo de pensar e sentir fora do ponto de vista oficial. A opressão conseguirá aniquilar o corpo, mas não o espírito. Ele conservará o livre arbítrio intacto, sempre que protegido pela firmeza de sentimentos e convicções.

Neste Natal, devem todos, num momento de recolhimento silencioso, rogar que volte a imperar a liberdade de consciência nesses lugares, com a queda dos ditadores, que se opõem, diabólica mas infrutiferamente, à expansão mundial da lei do amor ao próximo.



Homenagem ao Dr. Carlos P. Fernandes

Trinta anos

de atividades

na C. T. B.



Divisão de S. Paulo, Che-
fes de Serviço de outras em-
presas que prestam serviços
à Companhia e amigos de
outras Divisões reuniram-

Aspecto tirado durante o
almôço em S. Paulo

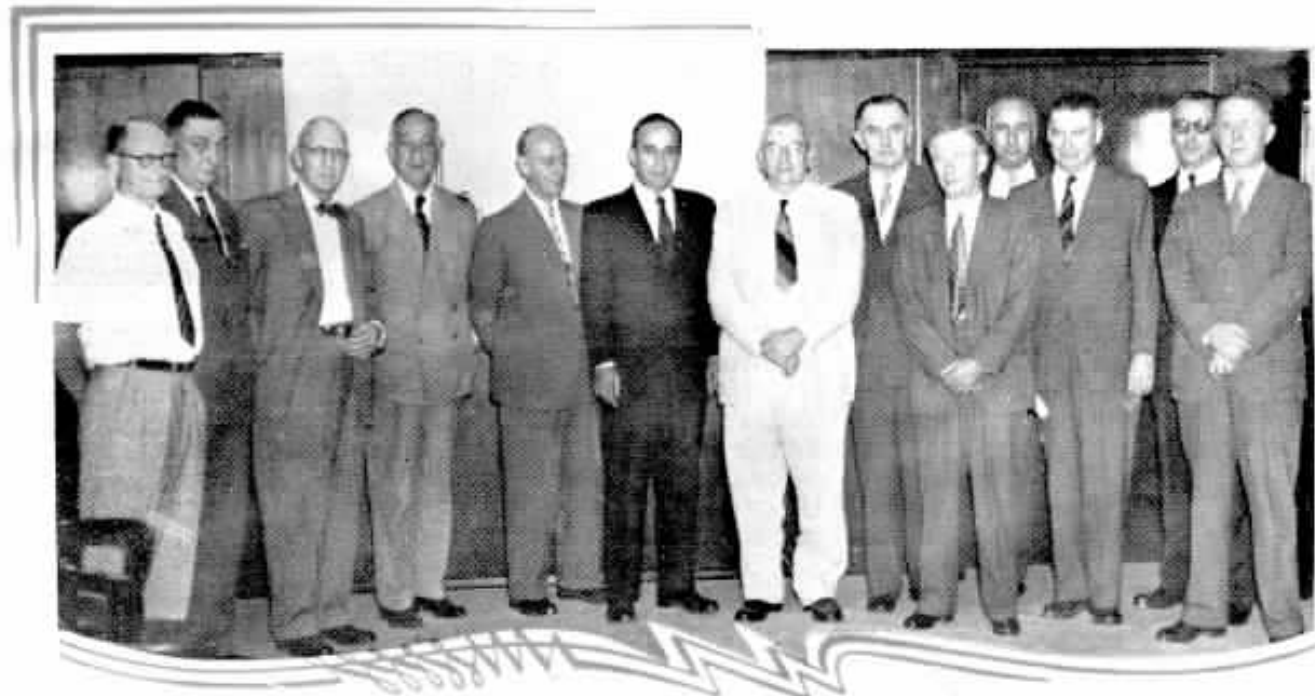
O Superintendente Geral
Sr. Renault Castanheira,
colocando o emblema na la-
pela do Dr. Carlos P. Fer-
nandes, no Rio de Janeiro



O Superintendente da Di-
visão de S. Paulo, Dr.
Carlos P. Fernandes, com-
pletou 30 anos de ativida-
des na Companhia Telepho-
nica Brasileira, em Junho
do corrente ano.

Seus auxiliares imediatos,
Chefes de Departamento da

Grupo tirado no Rio de Janeiro ao ser entregue o emblema ao Dr. Carlos P. Fernandes,
que se vê ao centro, cercado pelo Superintendente Geral, seus Assistentes e vários
superintendentes e chefes de serviço.





Aspecto do almoço, quando falava Carlos Reis Filho

se espontaneamente em um almoço no Automóvel Clube daquela Capital, no dia 16 de Outubro, para demonstrar, em expressiva homenagem, a elevada consideração e estima que lhe devotam, não o tendo feito antes por se encontrar o homenageado ausente, em viagem aos Estados Unidos da América do Norte.

No dia anterior à homenagem, havia o Dr. Carlos P. Fernandes estado no Rio de Janeiro, onde recebera das mãos do Sr. Renault Castanheira, Superintendente Geral, o emblema de ouro e esmeralda, acompanhado de palavras de agradecimento.

Representou o Sr. Renault Castanheira no ágape em

Outro aspecto do almoço, tirado quando o Dr. Carlos P. Fernandes falava, agradecendo a homenagem.



São Paulo seu Assistente E. M. Brandão.

Carlos Reis Filho, Superintendente Comercial de S. Paulo, saudou o homenageado, lembrando o seu longo tempo de serviço na C. T. B., onde entrara nos primeiros anos de sua mocidade, e sua brilhante carreira em nossa Companhia, onde seus atos têm sido sempre inspirados num alto espírito de justiça e de cordialidade, a par de uma atividade perseverante e criadora.

Após o almoço, recebeu o Dr. Carlos P. Fernandes cumprimentos de todos, com votos de felicidade e prosperidade.



VERDADES ETERNAS

A cortesia age como um lubrificante. Ela reduz o atrito das relações diárias nos lares, na rua e na loja ou no escritório. — Kendall Weisiger.



Devemos aprender fazendo as coisas, pois, embora pensemos que as sabemos fazer, não temos certeza disso enquanto não o experimentamos. — Sófocles, 445 A. C.

(Continuação da pág. 2)

xoto, no Rio de Janeiro, prêmios que couberam a concorrentes da Comp. de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro, da S. A. do Gaz e da Companhia Telephonica Brasileira, Divisões do

Distrito Federal e dos Estados do Rio e de Minas.

Fizeram parte da mesa o Dr. J. G. de Aragão, Vice-Presidente Executivo da Companhia de Carris; o Sr. Renault Castanheira, Superintendente Geral da Companhia Telephonica Brasileira; Gilbert Hearn, Diretor do Departamento de Empregos e Serviços Sociais e L. V. Jones, Superintendente da Divisão de Distribuição da

Societê Anonyme du Gaz.

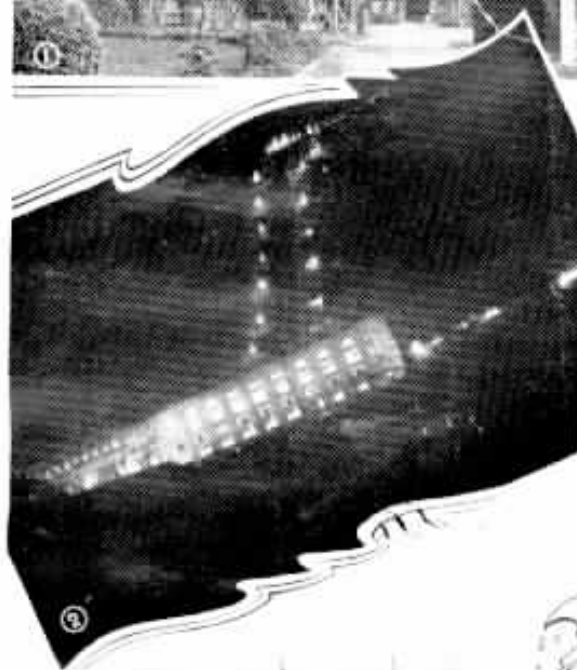
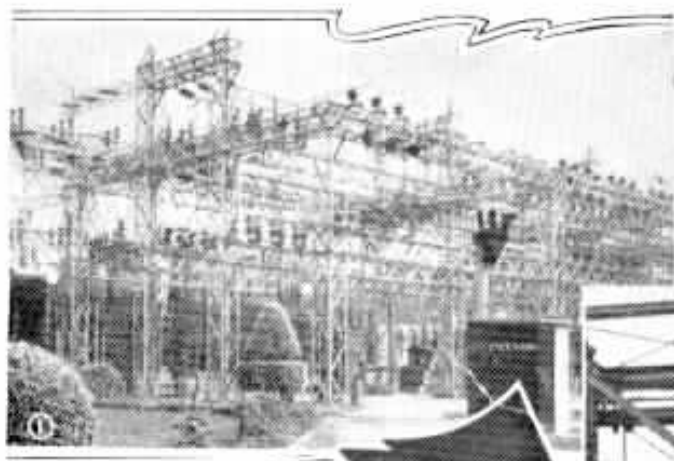
Iniciando os trabalhos da cerimônia, o Dr. J. G. de Aragão falou sôbre os objetivos do concurso de fotografias e os promissores resultados alcançados com essa primeira experiência, que de-

Fotografias premiadas de concorrentes da Comp. de Carris e S. A. do Gaz :

- (1) — 1.º prêmio : "Estrutura de 88 KV, da Estação de Frei Caneca", de Manoel R. Cavanellas, do Departamento de Electricidade, D. F.
- (2) — 2.º prêmio : "Usina de Fontes", de Aremildo José Zelante, da Usina de Fontes.
- (3) — 3.º prêmio : "Fábrica de S. Cristóvão" (Foto n. 6), de Frederick C. Scoville, do Departamento de Publicidade, D. F.

Seis prêmios iguais :

- (4) — "Fábrica de S. Cristóvão" (Foto n. 1), de Frederick C. Scoville.
- (5) — "Descarga de carvão", de Oscar de Oliveira, da S. A. do Gaz.



Comp. de Carris e S. A. do
Gaz (Continuação) :

- (6) — "Corcovado-Estação",
de Albano Moreira, do
Restaurante Central,
D. F.
- (7) — "Vista panorâmica
do vale da Usina de
Fontes", de Aremildo
José Zelante.
- (8) — "Bonde com reboque",
de Manoel R. Ca-
vanellas, do Depart-
amento de Eletricidade,
D. F.
- (9) — "Edifício da Usina
de Fontes", de Aremil-
do José Zelante



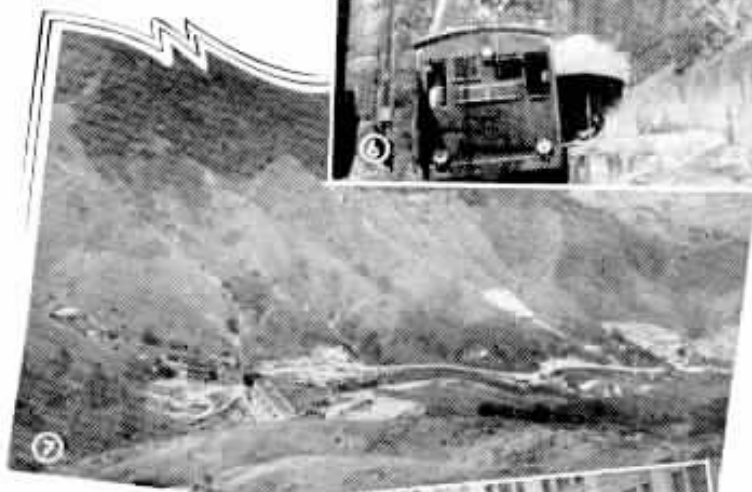
verá ser renovada no pró-
ximo ano. Congratulou-se
com os concorrentes pelos
esforços e compreensão do
sentido desse prêmio de arte,
dando em seguida a palavra
ao Sr. Renault Castanheira.

O Superintendente Geral
de nossa Companhia fez uma
digressão sobre trabalhos fo-
tográficos, falando especial-
mente do nosso concurso,
inspirado na necessidade de
fazer acompanhar certos re-
latórios com fotografias de
fases da execução de servi-
ços. Ressaltou a necessida-
de dos fotógrafos amadores
entre os funcionários, para
os flagrantes de serviço, im-
possíveis de encomendar aos
profissionais, que precisariam
de perder muitas horas à
espera do momento desejado.
Enalteceu o concurso de
quantos acudiram ao cha-
mado dessa primeira prova,
felicitando-os pelos trabalhos
apresentados.

Procedeu-se em seguida à
chamada dos concorrentes
premiados, iniciando-se pe-
los da Companhia de Carris,
Luz e Força do Rio de Ja-
neiro, seguindo-se os das
duas Divisões da Companhia
Telephonica Brasileira.

Ao receber o respectivo
prêmio, cada candidato era
felicitado pelos componen-
tes da mesa e recebia uma
salva de palmas da assistên-
cia. Os prêmios entregues
correspondiam tanto a foto-
grafias em preto e branco
como a cores.

(Continua na pág. 34)



Bertioga

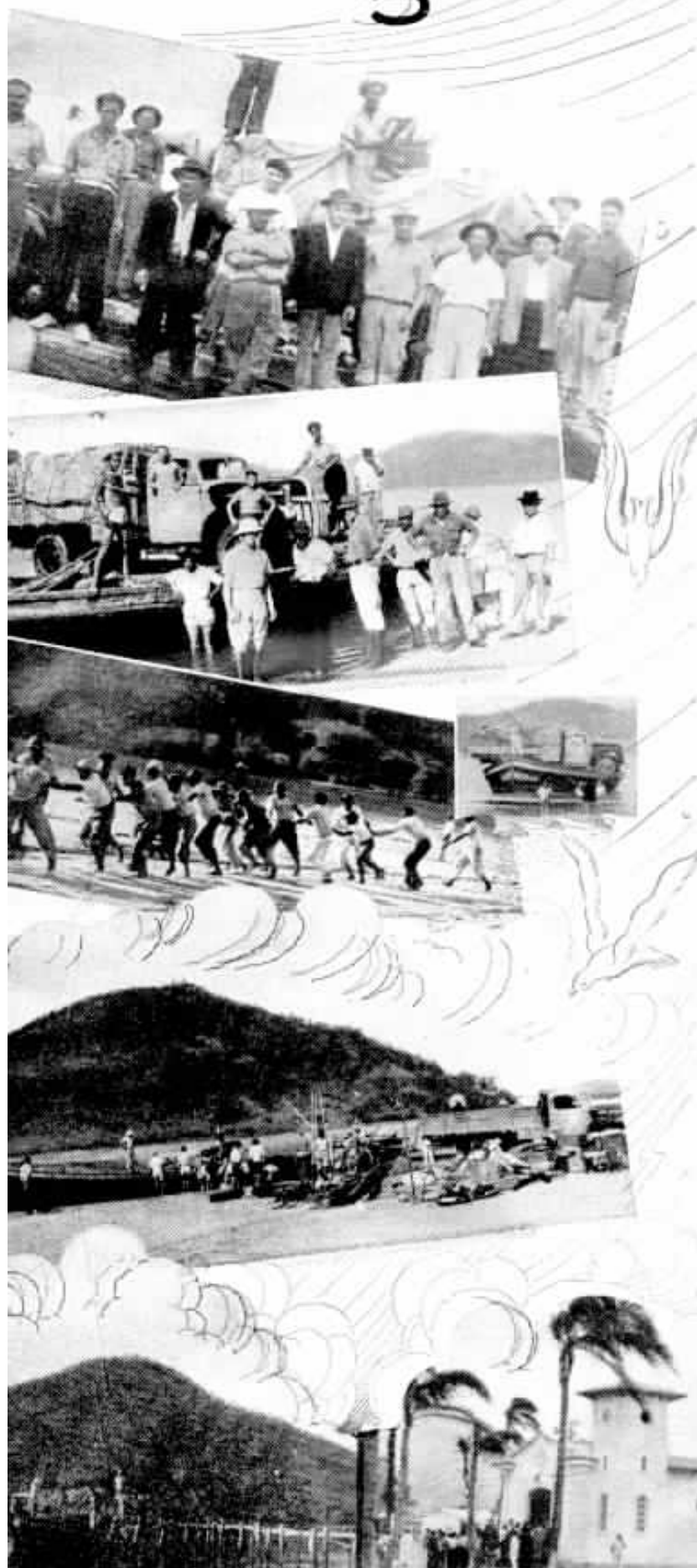
Instalação de telefone na Colônia de Férias Rui Fonseca

ENTRE as magníficas realizações do SESC (Serviço Social dos Empregados do Comércio) está a Colônia de Férias Rui Fonseca, inaugurada a 30 de Outubro último, Dia do Comerciante Brasileiro, num bellissimo recanto do litoral paulista, não muito além da Praia de Bertioga, nas proximidades da cidade de Santos, Estado de S. Paulo.

Para completar tudo o que foi idealizado e pôsto em prática na construção da Colônia de Férias: — casas para comportar, cada uma, 8 pessoas, armazém de abastecimento, farmácia, campos de esporte, etc., faltava o telefone, indispensavel para os que, afastando-se de suas atividades, necessitam ter contato com os seus, para tranquillidade nos merecidos dias de descanso, após um ano de afanoso trabalho.

A colônia dista do Posto Público da C. T. B., em Bertioga, quatro quilômetros. Urgia a construção de um circuito interurbano em derivação ao existente, que já põe em comunicação Bertioga com Santos. Poucos dias

Aspectos tomados por ocasião do embarque e desembarque do material e da turma de construção da linha telefônica na Colônia de Férias Rui Fonseca, vendo-se em baixo, ainda, a igreja da Colônia no dia de sua primeira missa e a cerimônia do hasteamento da Bandeira Brasileira no ponto de desembarque



Companhia de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro



Ao alto, H. G. Holman, no momento em que agradecia a homenagem; em baixo, quando Cesar Faria falava em nome dos colegas



HOMENAGEM A

H. G. HOLMAN

OS funcionários da Tesouraria da Companhia de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro, no dia 11 de Novembro, prestaram carinhosa homenagem a H. G. Holman, ex-Caixa Geral, interino, por motivo de sua recente nomeação para o cargo de Superintendente do Serviço do Pessoal da mesma Companhia, cargo êsse que exercerá interinamente.

A H. G. Holman foi oferecido um pergaminho com a assinatura dos funcionários da Tesouraria, tendo feito a entrega

Cesar Faria, que falou em nome de seus colegas. Usou também da palavra o homenageado, agradecendo aquela significativa manifestação de apreço.

Estiveram presentes à solenidade o Dr. J. G. de Aragão, Vice-Presidente Executivo da Comp. de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro; Gilbert Hearn, Superintendente Geral do Pessoal; G. Murchie, L. R. Cole, R. Mc Donnell, J. A. Silva, J. C. Coutinho, L. W. V. Anderson e muitos outros funcionários das Companhias Associadas.

faltavam para a inauguração.

Resolvida pelo SESC a construção da linha, foram postas à disposição da Companhia tôdas as facilidades, a fim de que o serviço ficasse pronto a tempo. Contamos com a boa vontade de todos, não havendo nomes a destacar. Dez trabalhadores, tendo à frente o Chefe da Planta Interurbana, Celestino Romeu, puseram mãos à obra com decisão. Dentro de sete dias o serviço estava concluído e o circuito funcionando satisfatoriamente.

As fotografias fixam diversos aspectos do transporte dos materiais necessários à construção da linha, feito em batelões, juntamente com o pessoal encarregado da instalação. O desembarque

até faz lembrar aquelas turmas aguerridas de "comandos" em qualquer ponto da invasão!

Devido à natureza do terreno, a posteação empregada foi tôda de aroeira, pesando noventa postes cerca de 95 toneladas.



Assim, a grande comitiva que compareceu à inauguração, composta de representantes do SESC e de altas autoridades do Governo mostrou-se satisfeita ao constatar a par do grande empreendimento realizado naquele pitoresco sítio do litoral, a existência ali do telefone, fator de progresso nessa iniciativa em favor dos comerciários de São Paulo.

Representando o Dr. Carlos P. Fernandes, Superintendente da Divisão de São Paulo, especialmente convidado pelo SESC, compareceu à solenidade Milton N. Galon, da Secção de Estudos Comerciais de S. Paulo, a cuja gentileza SINO AZUL deve as fotografias aqui publicadas.

DIVISÃO DE ENGENHARIA GERAL

D. CECY DE SOUZA FERRO COMPLETOU 25 ANOS DE SERVIÇO

NO dia 6 de Novembro último completou 25 anos de bons e dedicados serviços à C. T. B. D. Cecy de Souza Ferro, Encarregada de Estatística da Secção de Estudos de Tráfego, da Divisão de Engenharia Geral.

Em nome da Administração falou A. Ferreira Lobo, Engenheiro de Estudos de Tráfego, que, evidenciando o mérito, as qualidades e os dotes de personalidade da homenageada, lhe fez entrega do emblema de ouro de nossa Companhia relativo ao seu tempo de serviço.

De maneira mui afetiva, recebeu D. Cecy muitos cumprimentos de seus colegas, que aproveitaram a oportunidade para oferecer-lhe delicada lembrança.

Na fotografia acima, vemos D. Cecy de Souza Ferro quando recebia o sino de ouro das mãos de A. Ferreira Lobo; no grupo abaixo vê-se D. Cecy cercada dos chefes e colegas que a homenagearam.



A RESPIRAÇÃO DO HOMEM

A respiração, êsse fenômeno que se processa com toda a naturalidade, graças à perfeita organização do corpo humano, faz-se, por assim dizer, imperceptivelmen-

te, de sorte que não nos damos conta da quantidade de ar que entra e sai dos pulmões. Esse cálculo foi feito, porém, cientificamente, sabendo-se que o homem respira, em média, de 12 a 14 metros cúbicos de ar em 24 horas.





VETERANOS DA SECÇÃO DE ESTUDOS DA PLANTA SÃO PAULO

Luiz Gold, Auxiliar Técnico da Secção de Estudos da Planta de São Paulo, completou 20 anos de serviço em nossa Companhia, recebendo das mãos de D. N. S. Hodgson, Assistente Chefe daquela Secção, o emblema de prata, na presença de Lauro L. de Souza, Chefe da Secção de Empregados.

Grande número de encarregados e colegas do homenageado compareceu ao ato para um justa manifestação de apreço, segundo se vê da fotografia acima.

Também Romano Fishmann, Auxiliar Técnico daquela Secção, completou 20 anos de serviço na C.T.B. em Outubro. Por esse motivo, seus chefes, colegas e amigos reuniram-se para assistir à entrega do emblema, que foi efetuada pelo seu Chefe imediato, Emil Kruger.

Na fotografia abaixo, vê-se o homenageado recebendo o emblema de prata, tendo à direita D. N. S. Hodgson, Assistente Chefe da Secção, cercados dos que o foram homenagear.



TOSSES... DO OUVIDO

SPES — São Paulo

QUANDO uma pessoa aparece com tosse, se é precavida, vai consultar o médico, pois sabe que a tosse tanto pode ser consequência de uma doença ligeira, como pode ser o sinal de doenças muito graves.

Mas muita gente dá por mal empregados

o tempo e o dinheiro gastos numa consulta médica, por coisa que lhe parece de pouca importância. E nos casos de tosse vai tomando, por conta própria, xaropes e gotas calmantes, com o intuito de sustar o desagradável sintoma.

A esses, pois, fica aqui um aviso: há tosse secas, irritantes, que são determinadas pelo tamponamento do ouvido por cerumen ou outra secreção e o tratamento de xaropes não logra efeito se não for removida a causa.

ARRUFO

(De Raymond Genty)

Faiscaram-lhe os anéis quando, nervosa, um jeito
melhor dava ao chapéu. E então me disse: — Agora
só me resta partir. Adeus. Terás lá fora
o amor, fácil e vão, que não viste em meu peito.

Talvez chores por mim quando me fôr embora.
Não me entendias... Esse, o teu grande defeito...
— Como?! — Nada falei. — Se esquecer é um direito,
esqueço a incompreensão de quem me quis... outrora.

Adeus! Quanto sofri! Foste mau e eu fui louca.
Separemo-nos, sim... Perdido é todo o encanto.
Mas a palavra má não me fuja da boca.

Fui eu o que afinal são tôdas as mulheres...
— Não achas? — Sim. — E então?! — Acabou-se. E ela, em pranto:
— Aí está por que me queixo, aí está: — Já não me queres!

OCTAVIO D' AZEVEDO

O Nosso Lar

A Maria

O nosso lar é como um paraíso eterno,
Um ambiente de paz, repleto de beleza,
Onde impera tenaz, em clima de pureza,
O nosso grande amor, que não conhece inverno!

O perfume que o incensa — o meigo amor materno —
Mais aumenta o esplendor de primeira grandeza
Da vida em nosso lar, cuja maior riqueza
Sem dúvida provém do nosso mundo interno!

Temos um lar feliz, cheio dessa harmonia
Que devemos a Deus, à lei da afinidade,
Que nos aproximou à nossa revelia!

E será sempre assim, entre anseios e calmas,
Que havemos de viver nessa suavidade
Que envolve o nosso lar e eleva as nossas almas!

CARVALHO DE ABREU

VETERANO DA ADMINISTRAÇÃO

ORLANDO PESSOA COMPLETOU 20 ANOS DE SERVIÇO



Orlando C. Pessoa quando recebia o sino de prata das mãos de Eduardo de Carvalho

Completoou vinte anos de serviço na Companhia Telephonica Brasileira Orlando C. Pessoa, da Secção de Expediente do Departamento de Administração, onde ocupa o cargo de Encarregado.

Muito estimado pela sua finura de trato e operosidade, Orlando Pessoa foi alvo de merecida manifestação de aprêço de chefes e colegas, tendo recebido o emblema de prata, representativo de 20 anos de serviço, das mãos de Eduardo de Carvalho, Chefe da Secção de Expediente do Departamento de Administração.

Ao entregar o emblema ao homenageado, Eduardo de Carvalho felicitou-o e agradeceu-lhe a cooperação. Orlando Pessoa foi cumprimentado pelos presentes, entre os quais se achavam o Superintendente Geral, Sr. Renault Castanheira, e os seus dois Assistentes.

Grupo em que se vê Orlando Pessoa cercado pelos que o homenagearam



OBSERVAÇÕES DA VIDA QUOTIDIANA

GANHAMOS experiência não com o que nos acontece na vida, mas sim com o que fazemos em face daquilo que nos acontece.



Os erros devem servir para nos dar experiência da vida e não para abater nosso moral.



Desde que o telefone foi inventado em 1875, cerca de 18.000 peças novas foram criadas e aperfeiçoadas para melhorar o serviço. Temos, assim, a média de 260 invenções por ano. Ninguém, entretanto, inventou ainda um meio de evitar as ligações erradas.

Foi por isso que aquela velha que discou um 5, em vez de 6, perguntou, tóda indignada, à pessoa que a

atendeu e lhe disse que a ligação estava errada:

— E por que é que você atende a ligações erradas?



Dormir de mais nunca faz com que os sonhos se tornem realidade.



Um poste telefônico nunca danifica um carro a não ser em defesa própria...



VETERANOS DAS OFICINAS DE SÃO PAULO

Completaram 20 anos de bons serviços na Companhia Telephonica Brasileira os funcionários David Barbosa e Luiz Massi, das Oficinas de S. Paulo.

Por êsse motivo organizou-se uma pequena reunião no

mês de Outubro último, durante a qual receberam aquêles veteranos os emblemas de prata das mãos de Luiz Maresca e Raphael T. Antonini, respectivamente Chefe e Sub-Chefe das Oficinas.

Assistiram à entrega che-

fes de serviço e alguns colegas dos homenageados, tendo sido tirada a fotografia acima.

Completaram também 20 anos de bons serviços na C. T. B. os funcionários Luciano Gualtiero Biancardi, Euclides Pereira da Silva, Armando João Jovene e José dos Santos, igualmente das Oficinas de S. Paulo.

Luiz Maresca e Raphael T. Antonini, após algumas palavras de estímulo e congratulações, efetuaram a entrega dos emblemas de prata, com aplausos de todos os chefes de serviço e colegas presentes, como se vê nas fotografias abaixo.



Ao alto, David Barbosa e Luiz Massi; ao lado, Euclides Pereira da Silva e Armando João Jovene e em baixo, Luciano Gualtiero Biancardi e José dos Santos, quando recebiam o emblema de prata das mãos de Luiz Maresca e Raphael T. Antonini, respectivamente.



Companhia Telephonica Brasileira

ORGANIZAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMPRAS E MATERIAIS

A partir de 1.º de Dezembro, foram nomeados no Departamento de Compras e Materiais do Distrito Federal: Raul B. Monteiro, Chefe da Secção de Material Geral; J. Avila, Chefe da Secção de Material Local; A. Maia, Chefe da Secção de Material Importado.

CONSERVAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

A partir de 1.º de Dezembro, Paulo Coelho foi nomeado Sub-Superintendente da Conservação no Distrito Federal.

J. C. SOUTINHO

O NOVO TESOUREIRO DA CIA. DE CARRIS

Registramos com prazer a justa nomeação do Sr. J. C. Soutinho para Tesoureiro da Companhia de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro.

Antigo funcionário dessa Companhia, tendo servido como assistente dos últimos tesoureiros, a nomeação do Sr. J. C. Soutinho foi uma justa recompensa à sua capacidade e dedicação e encheu de júbilo seus amigos e companheiros.

Foi na mesma ocasião nomeado Assistente do Tesoureiro o Sr. L. W. U. Anderson.



Caixa de Aposentadoria e Pensões de Serviços Telefônicos do Distrito Federal

NÚCLEO RESIDENCIAL DE INHAÚMA

A Caixa de Aposentadoria e Pensões de Serviços Telefônicos do Distrito Federal, cooperando na campanha geral de assistência social aos contribuintes, levou a efeito em Novembro mais uma iniciativa que merece aplausos e que sem dúvida se repetirá, futuramente.

Trata-se do Núcleo Residencial de Inhaúma, em cujos terrenos vão ser construídas 109 casas para os associados.

A fotografia que estam-



pamos é um aspecto da colocação dos primeiros tijolos desse grande empreendimento, levado a efeito pelo Presidente da Caixa, Dr. Carlos

Eduardo Soares de Moura, vendo-se um grupo de funcionários e associados da Caixa que assistiram à memorável cerimônia.



NO CAMPO ELETRÔNICO

SÃO fantásticas e inconcebíveis as duas seguintes dimensões em uso no cálculo no campo eletrônico: o micron, que é igual à milésima parte do milímetro, e a ângstron, que é igual à milésima parte do micron.

O méson ou mésotron tem uma massa

200 a 300 vezes maior do que a do elétron, primeiro elemento que foi descoberto no átomo, do qual já são conhecidos cinco componentes: elétron, próton, nêutron, pósitron e méson.

Coube ao cientista brasileiro Cesar Lattes fotografar a massa do méson em trajetória pelo microscópio eletrônico (Ciclotron de Berkley) em 1 de Fevereiro de 1948.

SÃO VICENTE

INAUGURAÇÃO DO PÔSTO TELEFÔNICO PÚBLICO DE PRAIA GRANDE (MONGAGUÁ)

O dia 28 de outubro, na localidade de Praia Grande (Mongaguá), município de S. Vicente, Estado de São Paulo, concluiu-se mais um empreendimento da Companhia Telephonica Brasileira, que, cumprindo a primeira etapa da projetada ligação Santos-Itanhaém, pôs à disposição dos habitantes e veranistas daquele aprazível local o serviço telefônico, inaugurando um Pôsto Telefônico Público.

O ato inaugural, que se revestiu de toda a simplicidade, não deixou de ter acentuada repercussão, não só entre a população daquele local como fora dali. Foi grande a satisfação do povo de Praia Grande, que, vivendo até aquêle dia sem um meio de fácil comunicação com o exterior, viu concretizada antiga aspiração.

Praia Grande é grandemente procurada por veranistas e turistas de todo o Estado de São Paulo, atraídos por aquela linda praia. Possui um bom hotel, algumas pensões e inúmeras casas para temporada.

O Pôsto Público de Praia Grande dista mais ou menos 24km,500 de S. Vicente.

As 10 horas, J. B. Oliveira Gomes, Gerente Comercial de Santos, inaugurou o Pôsto Telefônico Público de Praia Grande, comunicando-se com o Dr. Carlos P. Fernandes, Superintendente da Divisão de São Paulo, a quem representou na solenidade; Josias Cleto, Superintendente da Divisão; Dr. M. Cerqueira Leite, Diretor Substituto da Inspeção de Serviços Públicos; Sr. Prefeito de S. Vicente e as redações de "A Tribuna" e "O Diário", de Santos.

Usando da palavra, Oliveira Gomes ressaltou a vantagem que os habitantes de Praia Grande iam usufruir com aquêle melhoramento, dizendo que, apesar das dificuldades de ordem material que vem encontrando, a nossa Companhia, num esforço digno de nota, procurou levar suas linhas àquêle local, indo ao encontro dos desejos da população.

Falou em seguida o Sr. Adriano Dias dos Santos, em nome da população local, agradecendo à Companhia por tão útil e magnífica iniciativa, ressaltando os benefícios que advirão do importante melhoramento.

Compareceram à solenidade as seguintes pessoas: Sr. Gustavo Melchert, Sub-

Prefeito local; Sr. Adriano Dias dos Santos, representando a Associação Rural do Litoral Paulista e a Associação dos Amigos de Praia Grande; Sr. Antonio Rego Freitas, Sr. Paulo da Silva França, Sr. Francisco Jorge, Sr. Rubens de Paulo Secco, Sr. Abilio de Freitas, Sr. João Ferreira, Sr. Jayme Dias dos Santos, Sr. Antonio Sólha, Sr. Constancio Lopes, Sr. Eugenio R. Martins, Sr. Ubaldo Bernardes, Sr. Abilio Smith, Srta. Dulce Marcondes, professora; Sr. Domingos Previato, Sr. José Menassian, Agente Locador do Pôsto, todos moradores na localidade, além de Celestino Romeu e Desidério Cesar, funcionários da nossa Companhia.

Uma taça de champanha foi oferecida aos presentes pelas autoridades locais, tendo sido assim, num ambiente de franca alegria, entregue a Praia Grande o seu Pôsto Telefônico Público.

Digno de nota foi o valioso auxílio que o telefone recém-instalado prestou logo no dia seguinte à sua inauguração. Um avião do Aero-Clube de São Paulo caiu ao mar, sofrendo o aviador graves ferimentos, tendo sido socorrido com presteza pelo Serviço de Pronto Socorro de Santos, que foi chamado por aquêle Pôsto Telefônico Público.

Os trabalhos de instalação das linhas foram iniciados em Julho do corrente ano, sob a direção de Domingos Rodrigues Camarão, Feitor Geral, com três turmas chefiadas respectivamente por Lazaro M. da Silva, Felipe de Moura e Eduardo Monteiro. Além das precauções usuais contra acidentes do trabalho, foi cuidado do bem estar do pessoal, a fim de se evitar um surto de malária, tão comum nos acampamentos praianos.



II Convenção da Secção de Vendas, de Listas Telefônicas Brasileiras S/A.

Revestiu-se de brilhantismo a II Convenção da Secção de Vendas da Divisão Rio de Listas Telefônicas Brasileiras S/A. O conclave, que foi presidido pelo Sr. J. B. Martins de Mello, Gerente de Vendas daquela Sociedade, teve lugar no Copacabana Palace Hotel, nos dias 14 e 15 de outubro p. passado, constando o seu programa de teses e debates, pelos funcionários da Secção de Vendas de LTB, sobre questões de propaganda e a venda da mesma para as Listas telefônicas.

No segundo dia de Convenção, efetuou-se o almoço de confraternização, a que estiveram presentes, além dos diretores de Listas Telefônicas Brasileiras S. A., entre os quais o Sr. G. J. Huber, E. M. Brandão, representando a Companhia Telephonica Brasileira, Dagoberto Mesquita, do Departamento Comercial da Divisão dos Estados do Rio e de Minas da C. T. B. e Artur Faria, representando Jayme P. Figueiredo, Superintendente do Departamento Comercial do Distrito Federal.

Cooperativa dos Empregados das Companhias Associadas UMA INICIATIVA LOUVÁVEL

O cooperativismo, hoje em dia, pelos benefícios que sua prática tem demonstrado, não mais necessita de justificativas para ser implantado em qualquer meio.

E' do conhecimento geral o conceito de que ninguém, na atualidade, pode, por si só, suprir-se de tôdas as mil e muitas utilidades que a vida moderna criou e que somos forçados a adquirir.

Não só os indivíduos, mas tôdas as coletividades, e até mesmo as maiores nações, só podem sobreviver em franca cooperação, isto é, auxiliando-se mutuamente.

Essa cooperação, benéfica para todos os integrantes de uma coletividade, exige, contudo, de cada um, grandes e constantes sacrifícios e muita confiança e, antes de atermos qualquer parcela de vantagens, é indispensável nossa abnegada contribuição em todos os sentidos para a formação dos fundos necessários à plena execução da assistência recíproca, previamente planejada.

No caso concreto a que desejamos nos referir — a COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DA CIA. DE CARRIS, LUZ E FORÇA DO RIO DE JANEIRO LIMITADA E ASSOCIADAS — é-nos grato registrar o sucesso dos esforços empregados pelos que tomaram a iniciativa de sua fundação em nosso meio, e também a ampla assistência moral e material que a Administração Geral lhes vêm prestando em benefício de todos nós.

Cabe-nos, porém, secundar com entusiasmo e confiança tais esforços, não só ampliando, cada vez mais, o quadro de associados, como autorizando o imediato desconto em folha de nossas quotas, para que a Diretoria empossada disponha do numerário indispensável às providências iniciais de instalação, expediente, pessoal e contratos de fornecimentos, a fim de que no menor prazo possível possamos todos entrar no gozo das vantagens que nos conferem os estatutos já aprovados.

Veteranos das Oficinas no Distrito Federal

Efetuou-se no dia 9 de Setembro, nas Oficinas do Equipamento, no Distrito Federal, a cerimônia da entrega de emblemas de tempo de serviço a três funcionários que ali trabalham.

Os que fizeram jus a esses distintivos foram os seguintes:

Bernardino Pereira Soares, com 20 anos de excelentes

serviços à C. T. B., que recebeu o sino de prata, e Alvarino Martins e José Cirilo de Andrade, com 10 anos de bons serviços e que receberam o sino de bronze.

Antes de fazer a entrega dos emblemas aos veteranos, C. M. Silva dirigiu-lhes palavras de agradecimento e estímulo e após aqueles atos foram eles homenageados por seus chefes e colegas.



Bernardino Pereira Soares quando recebia das mãos de C. M. Silva o emblema de prata.



Grupo em que se vêem os três veteranos entre chefes e colegas, na seguinte ordem, da esquerda para a direita: G. E. Neves, Bernardino P. Soares, A. Costa, C. M. Silva, Alvarino Martins, José C. de Andrade e D. N. Penido.



A pancada do pau

AMIRA, filha de Amir, apelidado o Justo, era dotada de inteligência privilegiada e de grande sabedoria.

Seu pai era juiz e chefe de tribo. De todos os extremos da Arábia vinham pessoas submeter as mais difíceis questões à sua experiência e sagacidade. Julgava sempre com a mais reta justiça. Mas os anos perturbaram-lhe a lucidez do espírito, dando em resultado que às vezes cometesse injustiças.

Um dia, Amira, que detrás de uma porta ouvira a discussão dos negócios, disse ao pai:

— Vós os confundistes; a sentença que acabais de pronunciar é injusta.

— Tens razão, minha filha — disse o velho depois de haver refletido um momento. As névoas obscurecem-me a mente, meu pensamento desfalece como em um sonho; portanto, ouve com atenção tudo o que eu jul-

gar, e, quando perceberes que meu espírito foge, dá com um pau uma pancada no chão.

Desde esse dia, Amir esperava sempre a pancada que a filha devia dar, e redobrava de atenção; nunca mais deu sentenças injustas.

Dêsse caso data o provérbio árabe:

"O homem mais sábio não se deve julgar infalível, pois precisa de um pau que lhe avive a sagacidade".



O Papa Júlio III

QUANDO aconselhado a mandar prender certo cidadão por ter usado de expressões injuriosas contra Sua Santidade, o Papa Júlio III retrucou:

— Em Roma todos falam o que bem lhes apetece. Se eu mandasse prender todos aqueles que falam de mim, transformar-me-ia num príncipe sem súditos...

Todo empregado está em relações com o público

Conferência realizada na Associação Telefônica de Missouri, Estados Unidos, pelo
Professor DR. A. C. MAGILL

PARA MANTER BOAS RELAÇÕES COM OS FREGUESES, TÃO IMPORTANTE É CONQUISTAR O PÚBLICO PARA A COMPANHIA TELEFÔNICA. COMO VENDER O SERVIÇO TELEFÔNICO AO PÚBLICO.

TENTAR dizer ao comércio de telefones como conduzir os seus negócios poderia parecer presunção de minha parte. Afinal, nada sei de assuntos telefônicos. Todavia, parece que isso não me impede de falar com autoridade. Tenho notado que, neste país, se alguém desejar obter resposta para todos os problemas, deverá dirigir-se às pessoas que menos os conheçam. O general Marshall e o presidente Truman podem estar um tanto em dúvida quanto à solução dos problemas mundiais que se lhes apresentam; contudo, se algum de vós entrar em qualquer barbearia encontrará sentados homens que poderão dizer com exatidão como deveriam ser resolvidos esses problemas.

Algumas vezes tenho estranhado que as pessoas que nunca foram interrogadas sobre quaisquer problemas sejam as únicas que sabem todas as respostas. De certo modo, estou nesse caso ao falar à indústria telefônica. Mas, apesar disso, como representante do público, sou para vós o homem mais credenciado do mundo.

Vós sois comerciantes. Na verdade, não vendeis mercadorias, mas vendeis serviço. Quando vou a uma loja, espero encontrar urbanidade da parte de todos com quem entro em contacto. Fico colérico com as vendas por preços muito elevados. Lembro-me do homem que se encontrava sobre uma ponte, aprontando-se para atirar-se dela e suicidar-se. Vendo-o, um policial começou a discutir com êle, tentando dissuadí-lo da idéia. Mas chegaram a um único raciocínio. E no fim de dez minutos ambos se atiraram da ponte. O policial pagou caro.

No caso da loja, se não me simpatizo com o empregado, posso ir a outro lugar. Tratando-se, porém, de serviços de utilidade pública, como por exemplo a indústria telefônica, não posso fazer isso. Mas há uma coisa que posso fazer: posso começar a gritar pela apropriação e contróle governamentais. Entre parênteses, devo acrescentar que, falando individualmente e não como representante do público, sou contra a propriedade do Estado e o contróle do Governo. Mais particularmente, sou contra

o Governo proprietário. Estou, um pouco, na posição do velho cavalheiro que disse: "Vivi quase noventa anos. Assisti a uma série enorme de modificações. Vi o telégrafo aparecer. Vi o telefone, o rádio, o avião, o automóvel e o trem elétrico surgirem e fui contra tudo isso". Não sou contra todos os melhoramentos modernos, mas sou definitivamente contra a propriedade estatal. Não obstante, é isso que o povo começa a exigir quando não está satisfeito com os serviços de utilidade pública.

Conheço pouco a respeito de relações com o público. Sendo eu professor de colégio, naturalmente não as poderia conhecer. As relações dos colégios com o público são, sem dúvida, as mais pobres de qualquer comércio ou indústria. De todas as coisas que se presume saberem os colégios, o que êles conhecem menos que qualquer outro estabelecimento são as relações com o público.

O primeiro objetivo nas relações com o público é **conquistar a simpatia pública**. (Regra de Ouro). Há muitas maneiras de conseguir. Uma delas é a propaganda. Pudesse eu e sugeriria à indústria telefônica que, se deseja manter suas relações com o público em plano elevado, deve conduzir a sua propaganda com critério. Não deve imitar os anunciantes de sabão, de cosméticos ou de filmes cinematográficos. Os fregueses do serviço telefônico não são ingênuos. Em vossa propaganda, tende isso em mente. Ela pode não melhorar as relações com o público. No meu entender, o demônio tem tido grande propaganda durante muitos anos sem haverem melhorado as suas relações com o público... Possivelmente, isso não lhe fez diferença, pois acho que êle, seja como fôr, dispõe de tudo aquilo que está na sua alçada.

E' preciso considerar que publicidade e relações com o público não são a mesma coisa. De fato, a publicidade pode trazer mais prejuízo do que benefício ao desenvolvimento de vossas relações com o público. Antes de anunciar, deveis ter a certeza de que tendes alguma coisa que vale a pena anunciar; deveis certificar-vos de que foram eliminadas as causas de incompreensão antes de atrair a atenção sobre vós mesmos. E' malbaratar dinheiro fazer publicidade de um negócio que não a merece. E em vossa propaganda não deveis somente oferecer negócio ao público, mas conquistar também o público para o negócio.

A maior parte das companhias telefônicas têm revistas internas de qualquer natureza, em que transmitem idéias e sugestões aos empregados. O público, porém, nunca vê essas publicações e, conseqüentemente, não sabe o que dizeis ao pessoal. Não seria uma boa idéia que, no programa de propaganda, de vez em quando, reservásseis espaço para a publicação de coisas que dizeis aos empregados? Deixai que o público saiba quais são as vossas idealizações e princípios.

Cada um em vossa organização é um homem em relações com o público. Recentemente, fui a Denver por certa estrada de ferro do Oeste. O condutor, na viagem, tinha-se tornado grosseiro e irritante, sem consideração com os passageiros. Quando algum desejava uma informação, êle a dava de má vontade. Quando lhe pediam auxílio, êle o prestava contrariado. Na ocasião de desembarcar em Denver, eu disse: "Esta é a pior estrada de ferro do mundo. Não me servirei dela novamente, sempre que fôr possível evitá-la. Esta estrada não tem consideração com os passageiros".

Em Denver, embarquei num trem da Union Pacific com destino a Kansas City. O condutor era agradável, polido, cooperava com os passageiros, era sociável e solícito. Antes de três horas de viagem, havia êle conquistado todos os passageiros. Quando cheguei a Kansas City, eu disse: "Esta é uma grande estrada de ferro. É atenciosa, criteriosa; é uma organização com esplêndido serviço".

Em ambos os casos, julguei a estrada de ferro pelo condutor. Talvez êle representasse a atitude da Companhia; talvez, não; mas para mim êle era a Companhia. Enfim: o homem com quem entro em contacto é para mim a companhia. Julgo a companhia por êsse homem.

Se me encontro com o presidente de uma companhia telefônica, para mim êle simboliza a companhia. Tudo o que êle é e faz representa, para mim, o que a companhia é e faz. Quando entro no escritório para pagar a conta, julgo a companhia pela atitude do homem ou senhora que me atende. Há pouco tempo, houve um desarranjo em meu carro na estrada. Dois instaladores de linha estavam trabalhando trepados num poste. Êles me viram, desceram do poste, vieram ao meu encontro e ajudaram-me a consertar o carro. Eu disse comigo mesmo: "Esta é uma companhia telefônica admirável. É solícita e prestativa". Para mim, aquela companhia telefônica compunha-se daqueles dois instaladores de linhas num poste. Mesmo o porteiro é um homem em relações com o público. Se está varrendo a calçada sem atenção pelas pessoas que passam, os transeuntes dizem: "Esta é uma empresa sem consideração pelo público". Para êles, aquêle homem é a companhia.

Mas uma das mais importantes pessoas em relações com o público em tôda indústria telefônica é uma que nunca vi. Não poderia reconhecê-la se a encontrasse na rua. É a moça da mesa de ligações. E de nada valerão os diligentes esforços de cada um, no campo de suas atividades, se as vossas telefonistas não observarem boas relações com o público. O minuto mais longo do dia é o que passo esperando ligações interurbanas. Se a telefonista me dá a impressão de não estar interessada na minha chamada, de se não importar com o tempo que terei que gastar, de que não está fazendo esforços para servir-me, faço então a telefônica saltar pelos ares. Ao contrário, se é agradável, se me dá a impressão de estar fazendo tudo que é possível, se me dá a perceber estar interessada em minha chamada e em meu tempo, os minutos me parecem muito mais curtos, e louvo os méritos da companhia telefônica.

Fundamentalmente, manter boas relações com o público é pôr em prática a Regra de Ouro. Ela deve começar em casa. Se há facções na organização telefônica, se há atrito nos Departamentos, se um grupo faz críticas a outro, não conseguireis boas relações com o público. Fatalmente o público saberá dessas coisas e dirá: "Alguns coisa deve estar errada, ou essa situação não existiria". Para o estabelecimento de boas relações com o público é absolutamente necessário manter primeiro boas relações pessoais dentro da organização.

Sintetizando o que disse, apresento o que poderemos chamar os Dez Mandamentos de Boas Relações com o Público:

1) A boa publicidade não compensará as deficientes relações com o público. Anunciar um negócio que não vale a pena anunciar trará mais prejuízo que benefício, pois focalizará a atenção pública para uma coisa sem valor.

2) Uma vasta publicidade pode, realmente, levar a fracas relações com o público. Nada poderá substituir a qualidade naquilo que estiverdes vendendo, sejam mercadorias ou serviços. Certificai-vos de que é bom aquilo de que estais fazendo publicidade.

3) As relações com o público começam em casa. Sem relações pessoais satisfatórias dentro da organização, não é possível manter relações satisfatórias com o público.

4) A Regra de Ouro é ainda o caminho do sucesso em qualquer negócio. Deve constituir a base de tôdas as boas relações com o público. O negócio que melhor sirva, mais lucrará.

5) As relações com o público constituem um modo de vida do negócio e isso não é



OS SINOS

De OCTAVIO MANO — Departamento do
Tráfego — Distrito Federal

SIMBOLOS de fé e de religiosidade, os sinos, pelo seu misticismo, despertam sempre o interesse dos fiéis.

Mensageiros que são da sensibilidade humana, transmitem às gerações de hoje as mesmas mensagens que, há quase dois mil anos, transmitiram às gerações passadas.

E sua voz, como intérprete maior do sentimento humano, concretiza nossas emoções quando, solene, anuncia as festas de gala; ou quando, suave, ao cair da tarde, nos convida às preces da Ave-Maria; ou, vibrante e alegre, ao elevar aos céus as graças da Ressurreição: — Aleluia! Aleluia!; ou quando, triste e profundo, nos dobles de finados; ou agitada e alviçareira, ao transmitir boas novas; estridente e nervosa nos toques de rebate; feliz e orgulhosa, quando anuncia uma visita ilustre; harmoniosa e dominadora, quando espalha pelo éter a música de seus carrilhões...

Assim é a voz dos sinos.

O sino tem para nós também um significado especial.

Por uma feliz coincidência, o homem que idealizou o telefone chamava-se Bell, que em inglês significa: sino ou campainha.

Assim, as empresas telefônicas que divulgaram aquêle invento instituíram o sino como emblema, não só como uma homenagem a BELL, seu inventor, como também porque êle simboliza o Som.

Também o tilintar da campainha do telefone, em várias situações, muito se assemelha com as badaladas dos sinos ao refletir as nossas emoções: Se aguardamos impacientes uma notícia urgente, êle nos parece nervoso e aflito; se aguardamos notícias más, parece impertinente ou indesejável; se, ao contrário, esperamos boas novas, êle nos parece alegre e satisfeito.

Mas seus sons são sempre os mesmos! E' a fantasia humana que, com seu temperamento irrequieto, lhe empresta sua própria emotividade, tornando-os tristonhos, aborrecidos, indesejáveis ou alegres premonizadores de boas novas...

trabalho para uma só pessoa. E' trabalho de, tôdas as pessoas ligadas a qualquer negócio, seja o porteiro ou o presidente.

6) As boas relações com o público implicam a habilidade de aceitar as críticas, de admitir erros e omissões. Não fiquéis demasiadamente convencidos de que uma coisa está direita porque sois vós que a fazeis. E' muito possível que estejais cometendo algum erro. Sômente um ser humano perfeito, em todos os tempos, viveu na terra; que eu saiba, nunca esteve ligado ao negócio telefônico.

7) Se um negócio pretende gozar de boas relações com o público, o que êle faz deve estar à altura do que diz. Se tôdas as suas realizações concordam com as promessas, suas relações com o público serão boas.

8) As relações com o público são mais eficazes quando o negócio demonstra que está perfeitamente cômico de suas responsabilidades sociais, morais ou cívicas. A indústria telefônica tem responsabilidades sociais e cívicas para com a comunidade a que serve. O público espera que essas responsabilidades sejam plenamente assumidas.

9) As boas relações com o público são feitas, como a moral, de inúmeras pequeninas coisas.

10) As boas relações com o público são primeira e principalmente uma questão de política. Essa política deve ser baseada na honestidade, na conduta impecável, na cortesia e na consideração para com o próximo.





Supervisão e o elemento humano

D. N. S. HODGSON — Assistente-Chefe da Secção de Estudos da Planta — S. Paulo

HA sempre um prêmio para a capacidade de execução perfeita de uma incumbência. Se você possui as características básicas, a habilidade pode ser conseguida pela aplicação das regras básicas da psicologia. A habilidade é qualidade necessária em todos os cargos de direção. A característica básica mais importante é a perseverança. Essa característica às vezes não se encontra em pessoas de cultura e inteligência, muitas das quais nunca conseguem fazer qualquer coisa com perfeição devido a essa deficiência. Com perseverança, tudo pode ser conseguido eficazmente.

Quanto ao que concerne às aplicações psicológicas, você, como dirigente, deve, em primeiro lugar, saber tudo o que ocorre no seu setor de trabalho, em todos os momentos. Este princípio, elementar e fundamental, ainda é frequentemente desprezado.

Não se deve esquecer de que, mesmo sendo supervisor, você é também responsável perante outras autoridades mais altas. Essas autoridades devem ser informadas de todos os principais acontecimentos que possam afetar o desenvolvimento normal das suas obrigações. Independente de sua posição, tudo o que o seu superior imediato desejar que se faça deve ser feito com prioridade, seja qual for a sua opinião sobre o assunto.

Na execução de um projeto, não espere pelas informações de seus subordinados sobre o progresso dos trabalhos. Pergunte, procure ver o andamento do que deseja saber, insista sobre esse ponto. O progresso do trabalho deve corresponder ao que é feito por você, como dirigente.

Em todas as execuções tenha o cuidado de incluir todos os que têm relação com o trabalho. É muito comum em grandes companhias deixar de considerar o interesse de um departamento ou de personalidades. Seja cuidadoso sob este aspecto no que concerne a cópias de cartas, memorandos, etc. Tenha mais cuidado, ainda, quanto ao que se refere a afirmativas verbais ou escritas, quando possam revelar ou fazer subentender que tal departamento ou tal pessoa errou ou descuidou-se. As instruções recebidas ou expedidas devem ser confirmadas por escrito. Não se deve ad-

mitir que certo serviço seja feito de determinada maneira somente porque fulano de tal diz que faria assim. Certas pessoas geralmente tomam mais em consideração um assunto quando apresentado por escrito. Esforce-se por ser conciso e claro, tanto quando fala como quando escreve; informando ou dando ordens, faça-o em poucas palavras, sem perder-se em verbosidade.

Procure cumprir as promessas, não somente com os seus superiores como com os seus subordinados e bem assim com o público em geral. Lembre-se de que, tratando com o público, para ele você é o fiador legal e financeiro da Companhia. Sob este aspecto, seja prudente ao assumir compromissos.

Não procure fazer todos os serviços você mesmo. Faz parte do seu trabalho verificar se os funcionários o auxiliam efetivamente. A responsabilidade deve ser delegada, mesmo que você conheça e possa fazer todo o serviço com maior rapidez. O seu valor como supervisor depende da sua capacidade de organização, independentemente das suas habilidades técnicas ou outras. Se o trabalho é organizado, o progresso é certo. Constitui parte das suas obrigações estimular e ver se os funcionários se estão instruindo, ganhando iniciativa, desenvolvendo recursos e aptidões. A melhor maneira de aperfeiçoar essas qualidades é investi-los de todas as responsabilidades possíveis.

Em tudo, considere primeiro as coisas mais importantes, aquelas pelas quais são os auxiliares e você, como dirigente, diretamente responsáveis. Habitue-se a reduzir as questões à expressão mais simples, cultive o hábito de decidir e agir com clareza e presteza. Sem dúvida, muitas vezes é difícil proceder assim; contudo, considere que essa é uma parte importante do serviço dos supervisores. A habilidade de tomar decisões com rapidez pode ser aperfeiçoada, observando-se simples princípios. Usualmente, é fácil decidir quando se têm em mão os fatores essenciais e tenham sido formulados antes os princípios e as regras de ação. Comumente, o que pode dificultar uma decisão é certificar-se de que as vantagens e desvantagens das várias alternativas para executar-se um trabalho estão

O SISTEMA BELL EM 1882 E EM 1948

A interessante "charge" que reproduzimos aqui causará riso aos que estão há muito familiarizados com o telefone e já não acham nada de extraordinário nessa conquista da ciência. Mas não há razão de estranheza, pois tôdas as invenções continuam provocando a mesma admiração ou a mesma desconfiança dos tempos da infância do telefone, para depois se imporem pela evidência da realidade.

Foi por essa força inegável que se fundou e se ampliou o Sistema Bell nos Estados Unidos. E para se ter idéia do seu desenvolvimento basta dizer que a sua rede telefônica possuía em 1882 menos de cem mil telefones e poucas eram as cidades ligadas entre si. Foi naquele ano que a Western Electric se incorporou ao Sistema Bell.



— É assombroso! A palavra falada pelo fio!

(Assim se expressava o público na infância do telefone)

Em 1948, isto é, 66 anos depois, tem o Sistema Bell uma rede interurbana a que estão ligados 29 milhões de telefones, os quais originam por dia uma média de 166 milhões de chamadas. So-

bem a 7.700 as estações telefônicas e a mais de 180 bilhões de quilômetros os fios dos circuitos telefônicos.

(Gentileza de "Telephony")

equilibradas. De modo geral, os seguintes fatores poderão ajudar na escolha de uma ação ou decisão a tomar: 1) Por que fazer isto? 2) Deverá ser feito agora? 3) Isto facilita o progresso dos trabalhos que são objeto de consideração? 4) Favorecerá a Companhia? 5) E' a política da Companhia? (Não sendo, uma boa razão deve existir). 6) Qual é a perda ou ganho, falando financeiramente ou sob outro qualquer prisma?

Considere que é necessária uma preparação conveniente antes de anunciar qualquer decisão importante. E' sempre vantajoso preparar os detalhes, discutindo o assunto com todos os interessados, diretamente. Esta é uma técnica elementar em diplomacia e política; contudo, é frequentemente ignorada por muitos dirigentes e mesmo companhias.

Um supervisor deve estimular o interesse dos auxiliares em tôdas as ocasiões e não perder nunca as oportunidades de elogiá-los ou recompensá-los por um serviço bem feito. Um bom auxiliar deve ser pago de acôrdo com o seu valor. Um super-

visor deve manter os auxiliares bem informados, assim como a si próprio, de todos os progressos e desenvolvimentos do ramo de trabalho por que são responsáveis. O interesse de um supervisor por seus funcionários deve ser pessoal, especialmente quando estão em dificuldades. E' uma boa prática traçar esquemas e promover treinamentos progressivos, não somente para os auxiliares como para si próprio. Esta política é salutar, pois assegura uma moral elevada entre os auxiliares.

E' necessário ter habilidade para assimilar bem as qualidades do pessoal. Esta tarefa pode ser facilitada se nos acostuarmos a considerar mais as boas qualidades do que as más. Lembrar-se de que aplicar um pouco a própria personalidade é mais eficaz para o fim de impulsionar tanto o seu interesse pessoal como o da Companhia.

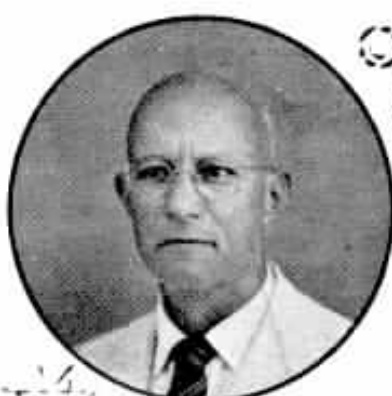
De qualquer maneira, por mais otimista que uma pessoa se sinta com o seu trabalho, há sempre lugar para melhorar a eficiência, admitindo-se que tenha vontade, determinação e perseverança para prosseguir na sua tarefa.



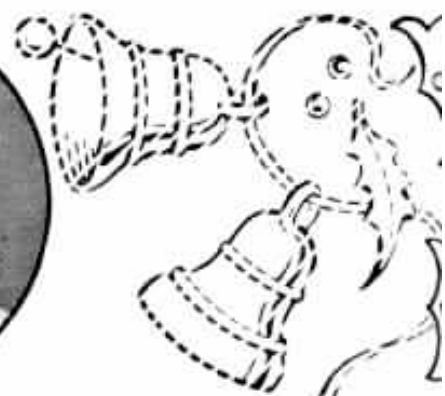
30 anos
Sylvia O. Baldan
São Caetano
S. Paulo



35 anos
João P. Carvalho
Conservação
D. Federal



30 anos
George Seaton
Conservação
D. Federal



25 anos
Ovidio N. Costa
Itatiba
S. Paulo



25 anos
Alayde Barroso
Cataguases
Minas Gerais



25 anos
Hulda H. Moldenhauer - Tratego
S. Paulo



25 anos
Djalma Almeida
Comercial
D. Federal



20 anos
José dos Santos
Oficinas
S. Paulo



20 anos
Francisca V. Santos - Viradouro
S. Paulo



20 anos
Jandyra O. Dalmati - Sta Cruz
Rio Pardo - S. P.



20 anos
Oswaldo A. Ferreira - Construções - D. Federal



20 anos
Armando J. Jovene - Oficinas
S. Paulo



30 anos
Edgard B. Mello
Construções
D. Federal



20 anos
Felix Jose Calazans - Construções - D. Federal



30 anos
Jacob Sigus
Estudos da Planta
S. Paulo



30 anos
Aldo Ravagnani
Equip. Assinantes
S. Paulo



35 anos
Albino G. Thome
Conservação
D. Federal



30 anos
Mario Rosa Silva
Conservação
D. Federal



25 anos
Benedicto P. Ferreira - Divisão do
Estado - S. Paulo



25 anos
Maria Elisa Moraes - Horários e
Estatística - S. P.



25 anos
Clelia Barbizan
Araraquara
S. Paulo



25 anos
Bruno Cestari
Equipamento
S. Paulo



20 anos
Manoel I. Alves
Cataguases
Minas



20 anos
Candida M. Galante - Tráfego
S. Paulo



20 anos
Sylvia Martins
Tráfego
D. Federal



20 anos
Fernando J. Moreira - Constr
ções - D. Feder



20 anos
Leão Padua Jr.
Estudos da Planta
S. Paulo



20 anos
Franklin Ribeiro
Construções
D. Federal



20 anos
Porcino Silva
Conservação
D. Federal



20 anos
Luctano G. Biancardi - Oficinas
S. Paulo

DIVISÃO DOS ESTADOS DO RIO E DE MINAS

ENTREGA DE EMBLEMA

Completou 10 anos de bons serviços, fazendo jus ao emblema de bronze da C. T. B., Manoel Rodrigues Fampa, Escriuário do Departamento Comercial da Divisão dos Estados do Rio e de Minas.

Funcionário bastante estimado, dado o seu fino trato, a par de outras qualidades que o recomendam, Manoel R. Fampa, após receber o sino de bronze das mãos de Dagoberto Mesquita, Superintendente Comercial, foi alvo de calorosos aplausos de chefes e colegas presentes à homenagem.

Vemos na fotografia ao lado Dagoberto Mesquita quando colocava o sino de bronze na lapela de Manoel Fampa e em baixo o homenageado entre chefes e colegas.



A ESCADA RODANTE

As escadas rodantes usadas em alguns caminhos de ferro subterrâneos, em alguns armazéns de grande movimento e que muitas pessoas pensam ser uma invenção recente, foram patenteadas há mais de um século. E' o que se deduz de um número da revista "Gentleman's Magazine", de Londres, de 1837, onde se lê o seguinte:

"Acaba de ser obtida re-

centemente a patente de uma máquina muito útil, adaptável às minas e a muitas outras aplicações. Trata-se de uma escada sem fim, feita com cabos e cadeias, enrolada em dois tambores ou cilindros de eixo horizontal, um no nível inferior e outro no nível superior do poço ou do nível a que se tem de ascender ou fazer a ascensão.

Uma máquina a vapor ou a força animal (não havia

ainda o emprêgo da força elétrica) serve para dar movimento contínuo a um dos cilindros; as cadeias ou cabos sem fim formam degraus horizontais iguais aos de uma escada comum e, assim, uma parte da escada continua está sempre em ascensão, com velocidade lenta mas uniforme, enquanto a outra está em movimento descendente de modo a assegurar uma circulação ininterrupta."

VETERANOS DAS OFICINAS DO DISTRITO FEDERAL

NESTOR COSTA PEREIRA COMPLETOU 25 ANOS DE SERVIÇO

Completo vinte e cinco anos de bons serviços na Companhia Telephonica Brasileira, no dia 5 de Novembro, Nestor Costa Pereira, funcionário estimado pela sua lhaneza de trato e operosidade, com exercício nas Oficinas do Distrito Federal.

Para assistirem à solenidade da entrega do emblema de ouro a Nestor Costa Pereira, reuniram-se todos os chefes das várias Secções das Oficinas e seus auxiliares, numa demonstração de aprêço ao estimado veterano.

A entrega do sino de ouro foi feita por Guilherme E. Neves, Chefe de Equipamento de Fôrça, que lhe dirigiu palavras de agradecimento e incentivo.

Na mesma ocasião, Guilherme E. Neves colocou o sino de bronze à lapela de Ascendino de Jesus, que completava 10 anos de serviço no dia 21 de Novembro, com iguais palavras de louvores.



Ao terminar a cerimônia, os dois veteranos receberam abraços e cumprimentos dos presentes.

Na fotografia ao alto, vemos Guilherme E. Neves quando colocava o sino de ouro na lapela de Nestor Costa Pereira; em baixo, um grupo em que se vêm ao centro Nestor Costa Pereira, Guilherme E. Neves e Ascendino de Jesus, cercados dos que os homenagearam.



CAFÉ REQUENTADO

SPES — São Paulo

É hábito enraizado no Estado de S. Paulo e nas zonas limítrofes, e mais especialmente nas pequenas cidades do interior, oferecer um café às visitas e mesmo aos conhecidos que "chegam" à porta ou à janela para dois dedos de prosa, e, na zona rural, até a desconhecidos que param dois minutos, para um pedido de informação. E, para dar

cumprimento a esse hospitaleiro costume, a cafeteira passa o dia inteiro no fogão, em banho-maria ou diretamente ao fogo.

Mas o resultado disso é que o café, assim servido, está frequentemente requentado, e o café requentado, além de ter sabor desagradável que, para as pessoas de paladar apurado, chega a ser intolerável, é realmente prejudicial, pois mantém isoladas muitas substâncias irritantes ou tóxicas que são, então, absorvidas, provocando inegáveis prejuízos, especialmente ao coração.

A arte de falar ao telefone

Theobaldo Miranda Santos



TRANSCREVEMOS de "A Manhã", do Rio de Janeiro, com a devida vênia, o interessante artigo que se segue e cujo texto está de acôrdo com as normas que a Companhia Telephonica Brasileira tem aconselhado ao público, não só por meio de folhetos como em artigos publicados em SINO AZUL pela pena de seus colaboradores.

As práticas aconselhadas e divulgadas pela Trust Company, de Atlanta, na Georgia, E. U., são precedidas de considerações de ordem psicológica pelo Sr. Theobaldo Miranda Santos, autor do artigo, que acertadamente ensina que, "além de agente de intercâmbio social, o telefone é um esplêndido meio para desenvolver nossa capacidade de exprimir o pensamento".

O telefone é, hoje, um meio de comunicação de uso quase universal. Nas grandes cidades, rara é a pessoa que não o utiliza diariamente. A conversa pelo telefone possui, entretanto, sua psicologia e sua técnica. Quem fala ao telefone precisa atender a certas condições físicas e psíquicas. Por isso, nos Estados Unidos, as companhias telefônicas costumam distribuir folhetos educativos, visando a orientação técnica, psicológica e social dos que utilizam os seus aparelhos.

De um folheto, por exemplo, publicado pela "Trust Company" de Atlanta, na Georgia, constam as seguintes expressões: "As palavras pelo telefone são, às vezes, tão afiadas, que cortam e ferem amizades. Mas, para as pessoas serenas e agradáveis, o telefone pode ser o instrumento mais poderoso para fazer nascer amizades duradouras".

Além de agente de intercâmbio social, o telefone é um esplêndido meio para desenvolver nossa capacidade de exprimir o pensamento. A conversa telefônica exige um esforço de clareza e de exatidão que muito contribui para exercitar nossa habilidade de expressão oral. Mas, para isso, é preciso saber falar ao telefone. E, infelizmente, raras são as pessoas que, ao conversar pelo telefone, procuram atender às exigências psicológicas e técnicas desse valioso meio de comunicação.

Na maioria dos casos, nas palestras telefônicas, se observam, não só palavras mal articuladas, termos estropiados, vozes ásperas, frases demasiado extensas, como também atitudes precipitadas, preocupação de

acabar depressa, gestos de irritação, falta de cortesia, etc. Essas falhas das conversas telefônicas são comuns e habituais. Todos nós incidimos nesses erros.

Para evitar isso, é preciso levar em conta, antes de tudo, as condições físicas da transmissão telefônica. Cumpre não esquecer, a êsse respeito, que o receptor do telefone possui uma grande sensibilidade. Se não articularmos as palavras nítida e corretamente, não seremos ouvidos com clareza e precisão.

Quem grita ou sussurra ao telefone não pode ser ouvido. O mesmo acontece com os que falam com muita rapidez. Os sons se superpõem e o interlocutor nada compreende. Mas a linguagem demasiado lenta, arrastada, cheia de pausas, também é difícil de ser percebida. Assim, é necessário que, ao conversarmos pelo telefone, falemos com clareza, correção e ritmo moderado, sem elevar ou abaixar excessivamente a voz.

Com relação às condições psicológicas, é preciso não esquecer o estado de espírito de quem telefona. O esforço de ouvir e de se fazer compreendido provoca no indivíduo uma excitabilidade nervosa característica.

É curioso observar como cresce, ao telefone, nossa sensibilidade emocional. O ruído da campainha, quando soa, cria um estado de alarme em nosso sistema nervoso. Diversos pensamentos contraditórios surgem então em nosso espírito, na perspectiva de notícias boas ou más que poderão ser recebidas.

Somos por isso, empolgados por um sentimento vago de inquietação quando atendemos a uma chamada telefônica. Além disso, muitas vezes, o telefone bate quando estamos numa atividade importante ou repousando, tranquilamente, das fadigas de um dia cheio de trabalho. Como nos irrita, nesses momentos, o toque imperioso e desagradável da campainha!

Para atender, justamente, a essas condições físicas e psicológicas, Richard C. Reagger, no seu interessante livro "You Can Talk Well", New York, Brunswick, 1946, aconselha, aos que utilizam o telefone, as seguintes normas práticas:

a) Lembrar-se de que a conversa pelo telefone deve ser feita num ritmo normal. Se falarmos muito depressa, as palavras se poderão embaralhar e o pensamento se perderá. Se falarmos demasiadamente deva-

gar, palavras e sons perderão o sentido e o interesse para o ouvinte.

b) Falar sempre diretamente na boca do telefone. Em qualquer outra posição, apenas 1/20 da voz normal será recolhida.

c) Colocar o telefone de maneira que seja usado com comodidade.

d) Estar sempre certo do número que deseja chamar ou discar. Lembrar-se de que enganos de números e ligações feitas sem cuidado desperdiçam tempo e são fontes de irritação desnecessária.

e) Recordar-se de que os gritos e as exclamações devem ser evitados no telefone. Não somente impressionam mal psicologicamente, mas também, mecânicamente, embaralham os sons.

f) Sorrir com a voz quando falar ao telefone. Lembrar-se de que a conversa telefônica é realmente uma visita entre duas pessoas. Ser amistoso e cortês.

g) Pronunciar, distintamente, todos os números (note-se que três e seis soam quase do mesmo modo através dos fios).

h) Nunca deixar a voz tornar-se mecânica ou despida de expressão. Se estiver aborrecido no telefone e se sua voz refletir esse aborrecimento, é quase certo que o interlocutor ficará também aborrecido.

i) Nunca bater com o fone no gancho. Terminar sempre a conversa com um cordial "obrigado". Ter maneira agradável, ser sempre delicado. Pedir licença se tiver de deixar o fone para obter qualquer informação ou se fôr necessária qualquer interrupção. Se possível, evitar interrupções durante o telefonema.

j) Se precisar chamar novamente a telefonista, enquanto espera a ligação, bater devagar e suavemente no gancho. As telefonistas raramente atendem às batidas coléricas que muita gente usa.

l) Não fumar nem mascar "chiclets", quando conversar pelo telefone. Não falar com outras pessoas na sala, enquanto usar o telefone.

m) Nunca responder ao telefone dizendo "Alô". Diga sempre seu nome ou o número do seu aparelho.

n) Atender, prontamente, à campainha do telefone.

o) Perguntar sempre pela pessoa com quem deseja falar, e certificar-se do seu nome antes de fazer a ligação.

p) Se a pessoa com quem deseja falar não se encontrar quando fizer a ligação, deixar sempre seu nome. Muitas pessoas, quando se lhes pergunta — Quem está falando? — respondem, invariavelmente: — "Não se incomode, ligarei depois". É um mau hábito. Lembre-se de que a cortesia manda que se identifique, ainda quando a pessoa procurada não fôr encontrada.

q) Nunca demorar no telefone mais tempo que o bom-senso manda. Outras pessoas podem estar tentando falar com o seu interlocutor ou alguém precisar comunicar-se com êle urgentemente.

r) Evitar modos ásperos e indelicados.

s) Evitar o laconismo ou impaciência no telefone. Se não puder ouvir a voz que fala, peça à telefonista uma ligação melhor. Nunca interromper o interlocutor no meio de uma frase, para o fazer repetir alguma coisa. Provavelmente, o contexto dará o sentido da palavra que falta.

t) Se não puder manter a ligação, fazer o possível para pôr, imediatamente, o interlocutor em comunicação com um departamento que esteja apto a dar as informações solicitadas. Nunca transferir uma ligação sem necessidade.

u) Lembrar os três "slogans":

1. A voz, com o sorriso, vence.

2. Telefone como deseja que lhe telefonem.

3. Ligue só quando fôr absolutamente necessário".

Curioso é que Reagger não se refere aos intoleráveis "trotos", nem aos intermináveis telefonemas de namorados, tão comuns entre nós. Será que nos Estados Unidos não existem essas pragas? De qualquer modo, sigamos os conselhos do psicólogo norte-americano e façamos do telefone um instrumento de cordialidade e de harmonia entre os homens.



Miolo de pão

SPES — São Paulo

NA dieta dos diabéticos, suprime-se não só o açúcar em natureza, mas as matérias amiláceas e feculentas são frequentemente também abolidas porque, quimicamente, são açúcares ou em açúcar se transformam.

Entretanto, conforme o estado do doente, às vezes o médico consente-lhe comer miolo

de pão. Essa tolerância explica-se porque, em igual volume, o miolo de pão contém menos matéria amilácea do que a casca; depois, sendo menos apetitoso, o doente come menor quantidade; e as sensíveis e delicadas gengivas dele sofrem muito menos ao mastigá-lo.

É preciso, porém, deixar bem claro que o doente não deve nunca, por sua conta, incluir o miolo de pão na sua dieta, quando o médico o proíbe, pois somente êste pode determinar o regime alimentar adequado, que na diabete é da maior importância.

ASPECTOS DO CEARÁ

Em viagem para tratamento de saúde e a fim de rever o seu Estado natal, embarcou para o Ceará Carlos Moraes e Silva, da Conservação do Distrito Federal.



De lá nos enviou êle uma atenciosa carta com informações sôbre as melhoras do seu estado de saúde e na qual nos pede transmitamos a todos os colegas um forte abraço.

Acompanhando a carta, em que fala do progresso de Fortaleza, a capital daquele Estado, vieram as três fotografias que aqui reproduzimos.

Uma é a do prédio onde

funciona a Companhia Telefônica Ericsson, que fornece serviço a Fortaleza, cuja rede possui quase 6.000 linhas, já tendo sido iniciado o serviço interurbano.

Outra fotografia é a da decantada praia de Iracema, a "virgem dos lábios de mel", na expressão de José de Alencar, vendo-se o pitoresco dos coqueiros que a embelezam e as típicas jangadas na sua faina gloriosa da pescaria em pleno oceano.

A terceira é um aspecto do Parque da Liberdade, mais conhecido por Cidade da Criança, vendo-se ao fundo a clássica Ilha dos Amores. Ali se reúnem à tarde tôdas as crianças de Fortaleza para os folguedos infantis.



WAGNER, GOETHE E BISMARCK

CONTA de Ricardo Wagner o seu amigo Weisheimer que, em Leipzig, o maestro, depois de ter regido um concerto, apenas chegou ao hotel pediu uma sopleira cheia de caldo e o bebeu todo.

Os amigos que o acompanhavam perguntaram como podia êle ter tanto apetite e Wagner respondeu que, quando se trabalhou demais com o espirito, é preciso compensar o corpo com uma quantidade equivalente de matéria.

Também Goethe, nos períodos de grande trabalho, costumava comer muito e a mesma coisa se pode dizer de Bismarck, que tinha o hábito de se lamentar sempre da sua falta de apetite, ao passo que na realidade era um comedor extraordinário.

Um dia, êle convidou a jantar alguns dignitários e antes de se sentarem à mesa achou oportunidade para repetir a costumada lamentação, desta vez porém de modo tão persuasivo que os presentes pensaram que êle tivesse realmente perdido o apetite.

Mas, depois, não foi pequeno o espanto quando viram que o chancelier continuava a comer tanto que diversas vezes a princesa teve que intervir para fazê-lo descansar.

Da permanência ativa



O. KALLUT — Departamento do Pessoal — D. Federal

HA muitos que pensam e mesmo defendem, com maior ou menor veemência, muitas vezes sem a devida oportunidade, que a antiguidade em qualquer cargo, ou simplesmente numa mesma empresa, deve prevalecer como fator de progresso para o funcionário em questão.

Geralmente, os propugnadores desse ponto de vista são advogados em causa própria e estão sempre, para argumentação de sua tese, apontando como injustiças os acessos a cargos de maiores responsabilidades dos colegas de menos tempo de serviço do que eles, deixando, porém, de cotejar os demais méritos dos promovidos com os seus próprios.

A alegação simplória de que, se não representassem algum valor para a empresa, naturalmente não teriam podido permanecer aí tanto tempo, é, sem dúvida, das mais inconsistentes, porque há duas espécies de permanência: a passiva e a ativa.

Na primeira, classificamos todos quantos fazendo, por indolência ou limitada capacidade, apenas o indispensável para serem tolerados em qualquer meio, aí vão permanecendo menos por necessidade do serviço do que por inadvertida tolerância, ainda que com lento e relativo progresso até certo limite.

Na segunda, porém, estão incluídos aqueles que, por temperamento e preparação adequada, desde o início de suas atividades, em qualquer meio, procuram aplicar-se com entusiasmo e sinceridade, da

melhor forma, ao desempenho das funções que lhes tenham sido atribuídas; esforçam-se permanentemente em conhecer todos os detalhes dos serviços que lhes estejam afetos e ainda do conjunto da organização; ampliam e aperfeiçoam conhecimentos básicos para melhor desempenho de suas funções atuais e assim se preparam para outras de maiores responsabilidades quando seja oportuno e sempre confiantes no senso de justiça de seus superiores; integram-se, enfim, no espírito geral da empresa e, dando cotidianamente o melhor de seus esforços pela eficiência de suas tarefas, ainda aproveitam tôdas as oportunidades que se lhes apresentam para difundir, propagar e defender a política administrativa de sua organização, além de incentivar os colegas inexperientes a procederem sempre dessa forma.

Esses são os que progridem sempre, porque, pela força moral, se impõem gradativamente ao conceito geral e se tornam indiscutivelmente elementos necessários e, muitas vezes, indispensáveis à organização a que pertencem.

A sua permanência, sempre ativa, distingue-os vantajosamente daqueles que apenas se deixaram ficar na permanência passiva, no falso pressuposto de que a antiguidade somente lhes garantiria o sucesso no futuro.

Na época dinâmica em que vivemos, essa passividade funcional é uma autocondenação ao fracasso e um verdadeiro suicídio moral.

Deus pede estrita conta do meu tempo.
É forçoso do tempo já dar conta;
Mas como dar sem tempo tanta conta,
Eu, que gastei sem conta tanto tempo?

Conta e Tempo

(Laurindo Rabêlo)

Para ter minha conta feita a tempo,
Dado me foi bom tempo e não fiz conta;
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,
Quero hoje fazer conta e falta tempo.

Ô vós que tendes tempo sem ter conta,
Não gasteis esse tempo em passatempo;
Cuidai, enquanto é tempo, em fazer conta.



Mas, ah! se os que contam com seu tempo
Fizessem desse tempo alguma conta,
Não choravam sem conta o não ter tempo!

Croniquetas vadias

II

Por que se ufanam

FALA-SE muito da riqueza de nossa língua, mas poucos são os que em boa maneira dela se aproveitam. E dizemos em boa maneira porque na realidade mui parcamente a usam, numa demonstração de tristíssima indigência, ou então a malbaratam sem gosto nem arte. Nossa língua é de notável opulência, não ha dúvida, mas vai muita mania de grandeza e não menor incoerência no proclamá-la tão rica e no prezá-la tão pouco, por isso que tão miseramente a tratam. Falar ou escrever bem, aliás, não quer dizer falar ou escrever sem cuidado nenhum ou, ao contrário, com demasias de pedante. Não. Nisso, como em tudo, deve haver senso, medida, educação literária, gosto.

A linguagem é um instrumento de comunicação social indispensável aos homens, sabemos-lo há muitíssimo, e, portanto, sujeita a infiltrações múltiplas, hoje em dia mais numerosas que antanho ou, pelo menos, mais perniciosas. Ora, em não havendo autoridades que lhes barrem o caminho ou que, às aceitáveis, as afeioem ao jeito da língua recipiente, muitos serão os males que se verá corromperem não só o léxico, senão também, o que mais é, a morfologia e a própria sintaxe portuguesa.

Jornalistas apressados e mal apercebidos de letras, escritores improvisados, locutores e tradutores mancos são os obreiros máximos da deturpação do idioma e do bom-gosto, quando, ao revés disso, deveriam ser os seus mais acatados zeladores.

Há trinta ou quarenta anos atrás ainda havia doutos gramáticos e filólogos com a incumbência utilíssima de inculcar, pelas colunas dos jornais, o que se devia e o que se não devia dizer. Hoje, os verdadeiros mestres estão emparedados nas salas de aula.

Purista não somos, nem podemos sê-

lo. Tal, porém, não nos leva a concordar com quem desnecessariamente e em barba usa dos mais feios peregrinismos, nêles achando um tom especial, que para nós é chocalhar (ou chacoalhar?) dos piores. Para muitos, — tantos, que nos tonteiavam, — detalhe é melhor que minúcia, minudência, pormenor, particularidade, esclarecimento, informação minuciosa, e detalhar é mais expressivo que dizer, ou expor, ou explicar por miúdo, minudenciar, particularizar, etc.; fracasso e fracassar (agora muito em moda), mais agradáveis às suas oíças que malôgro, revés, mau êxito, desastre, ou gorar, malograr-se, frustrar-se, resultar ou sair-se mal, etc.; controlar e controlar-se, mais tentadores que examinar, fiscalizar, confrontar, dirigir, ou dominar, dominar-se, ser senhor de si, ter mão de si ou em alguma coisa; constatar, melhor que verificar, averiguar, apurar, chegar à conclusão (de) que, certificar, concluir.

Acode-nos agora à idéia que, antigamente, os homens podiam ser ativos, desembaraçados, expeditos, diligentes, rápidos, desenvoltos, ágeis, destros, trabalhadores, dados ao trabalho, incansáveis, dedicados a isto ou àquilo; ou aptos, hábeis, empenhados em alguma coisa, esforçados, dispostos; ou, até, animosos, corajosos, válidos, e preparados, e inteligentes, mas hoje só podem ser dinâmicos; hoje só ha dinamismo como característica exclusiva e unívoca daquelas qualidades todas; hoje se despreza riquíssima sinonímia, e a propriedade rigorosa das palavras, para as reduzir a um só termo. Desta guisa, o soldado, o general, o professor, o aluno, a mocinha do café expresso, a bailarina profissional (perdão, a taxi-girl...), passam a ter um dinamismo infernal, são big-dinâmicos, são mesmo daquele jeito.

E ainda se poderá dizer que é só de estrangeirismos que a nossa doce fala tanto padece?

OCTUS

COSTUMES EGÍPCIOS

Os antigos egípcios tinham médicos particulares para cada enfermidade. Disso resultava que cada médico entendia muito bem da parte de medicina a que se dedicava toda a vida.

Os egípcios não condenavam à morte o pai que matava um filho, mas obrigava-o a velar três dias inteiros o cadáver, depois de convenientemente mumificado, segundo o ritual daquela época.

A ORIGEM DE LONDRES

Não faltam explicações para indicar a origem do nome de Londres. Uns acreditam que se deriva do nome norueguês *Lund*, cujo diminutivo é *Londen* (bosque sagrado); outros crêem, ao contrário, que o nome é devido ao rei *Lud*, irmão de *Cosibelennus*, o qual fundou uma cidade no mesmo lugar em que hoje se encontra Londres; ainda outros acreditam que se deriva do antigo rio *Lindin*.

TELEFÔNICA CLUBE DE S. PAULO

TORNEIO DE XADREZ

Procurando incrementar o interesse já demonstrado pelos enxadristas associados do Telefônica Clube de São Paulo, o Diretor da Secção de Xadrez, Celso Galvão, aceitou o desafio lançado por Emil Kruger, um dos mais fortes entusiastas do xadrez nos meios telefônicos daquela Capital, para uma disputa entre 30 veteranos e noviços do 6.º e 7.º pavimentos do Escriatório Central, isto é, da Superintendência e dos Estudos da Planta de São Paulo.

O prêmio para os componentes do pavimento vencedor era uma feijoada bem brasileira, enquanto o vencido teria de arcar com as responsabilidades.

A luta foi renhida, trazendo mesmo preocupações de lado a lado, porque as par-

tidas se desenvolviam equilibradas, havendo necessidade de se defrontarem segunda vez, conforme acôrdo geral.

Na última partida saiu vencedora a turma do 6.º andar, da Superintendência, com grande glória, pois muitos dos enxadristas eram iniciantes.

A feijoada foi servida em meio de grande cordialidade e alegria. Nessa luta, agora não menos agressiva, contudo, ninguém ficou sem o seu farnel, como o mostra a fotografia abaixo.

Convidado especialmente, compareceu à feijoada o Presidente do Telefônica Clube de São Paulo, Dr. Nelson Perroud, que vinha acompanhando a luta enxadrística com grande interesse desde o início, animando os concorrentes com sua presença.



BANHOS FRIOS

SPES — São Paulo

MUITOS pais, no intuito de tornar saudáveis os seus filhos, aumentando-lhes a resistência, especialmente para as mudanças bruscas de temperatura, procuram acostumá-los, desde pequeninos, ao banho frio.

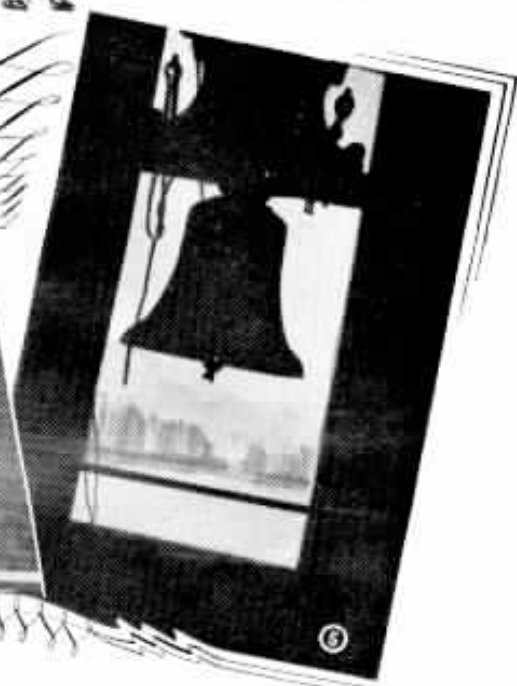
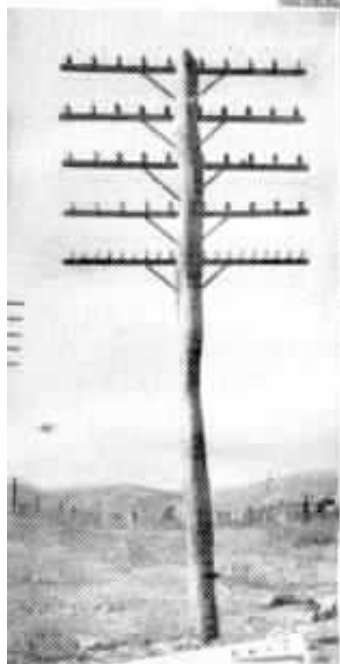
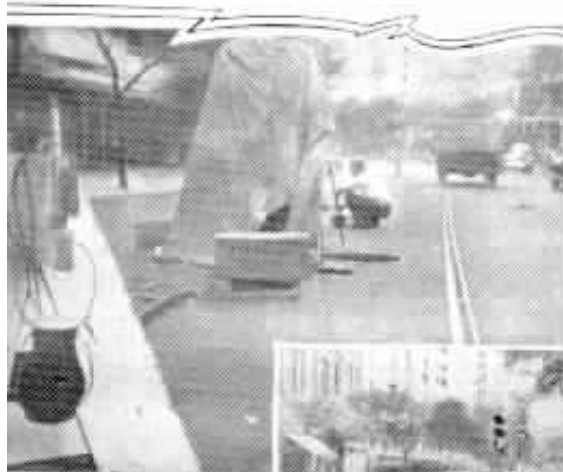
De modo geral essa orientação é errada,

ou pelo menos, inconveniente, pois o banho-frio, suficientemente demorado para permitir a limpeza do corpo, tem uma acentuada ação deprimente, muito prejudicial para a criança.

O banho frio proporciona, realmente, inegáveis benefícios, mas, para usufruí-los, é indispensável certo grau de resistência, que o organismo das crianças pequenas ainda não possui.

(Continuação da pág. 7)

Estiveram presentes também os membros da Comissão julgadora: H. F. Geppe.



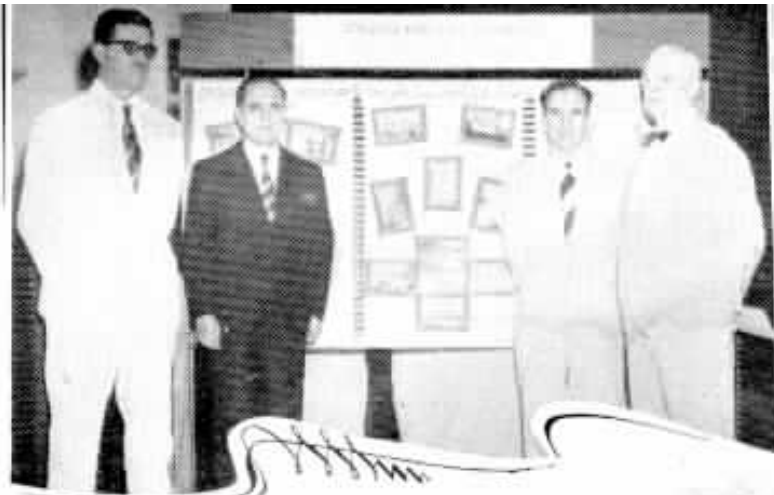
Vencedores do concurso de fotografias em preto e branco e a cores, da C.T.B. Da esquerda para a direita: José Sylvio Carvalho de Abreu, 1.º prêmio; Joaquim Mendes, 3.º prêmio; D. Stella Zimmaro, 4.º prêmio; J. B. Anderson, 1.º prêmio a cores; Gerald Michael Berkeley Wills, 2.º prêmio em preto e branco e a cores, e Enéas Martins Filho, 5.º prêmio.

Dr. A. L. Silveira e E. M. Brandão.

Deixou de comparecer o

Fotografias premiadas de concorrentes da C. T. B., Divisão do Distrito Federal e dos Estados do Rio e de Minas :

- (1) — 1.º prêmio: "Caixa subterrânea na Av. N. S. de Copacabana", de José Sylvio Carvalho de Abreu, da Superintendência da Planta, D. F.
- (2) — 2.º prêmio: "Linha interurbana perto de Valparaíba", de Gerald Michael Berkeley Wills, da Divisão de Engenharia Geral, D. F.
- (3) — 3.º prêmio: "Trecho da Av. Rio Branco", de Joaquim Mendes, da Administração, D. F.
- (4) — 4.º prêmio: "Linha de postes de iluminação da Ladeira da Glória", de D. Stella Zimmaro, da Divisão dos Estados do Rio e Minas, D. F.
- (5) — 5.º prêmio: "... E uma nova cidade cresce sob o símbolo do Sino", de Enéas Martins Filho, da Divisão de Engenharia Geral, D. F.



igualmente à entrega dos prêmios do concurso de fotografias aos vencedores da Companhia Telephonica Brasileira e da Light.

Vencedores do concurso de fotografias em preto e branco, da Comp. de Carris e S. A. du Gaz. Da esquerda para a direita: Oscar de Oliveira, 4.º prêmio; Manoel R. Cavanellas, 1.º prêmio; Albano Moreira, também 4.º prêmio, e Frederick C. Scoville, 3.º e também 4.º prêmio.

concorrente da Comp. de Carris Aremlido José Zelante, que obteve o 2.º prêmio e duas vezes o 4.º prêmio.

Em S. Paulo procedeu-se

Fotografias premiadas de concorrentes da C. T. B., Divisão de S. Paulo:

- (1) — 1.º prêmio: "Substituição de poste na Estrada Santo Amaro", de Milton Nogueira Galon, da Secção de Estudos Comerciais, S. P.
- (2) — 2.º prêmio: "Cabo subterrâneo na Estação Central", de Joaquim de Souza Mendes, da Secção de Estudos da Planta, S. P.
- (3) — 3.º prêmio: "Casa colonial contrastando com o moderno edificio do Banco do Estado de S. Paulo", de Felipe Luiz, da Secção de Estudos do Tráfego, S. P.
- (4) — 4.º prêmio: "Edificações modernas na rua S. Luis", de Milton Nogueira Galon.
- (5) — 5.º prêmio: "A Light acompanha o progresso", de Oswaldo Palermo, da Secção de Estudos do Equipamento, S. P.



VETERANOS



40 anos
Ulysses Andrade
Goncalves Goyal -
S. Paulo

20 anos
Lily Maria
Oliveira -
S. Paulo



20 anos
José A. Miranda
Plantão -
S. Paulo



25 anos
Benedicta Borges
Lorenz -
S. Paulo



25 anos
Gimeremdo Mar-
cello - Divisão do
Estado - S. Paulo



20 anos
Miguel M. Ha-
winski - Estudos
de Planta - S. P.



20 anos
Rogério M. San-
tos - Lorena
S. Paulo



20 anos
Hugo Calegaretti
Equipamento
S. Paulo



20 anos
David Barbosa
Martins -
S. Paulo



20 anos
Francisco F. Pe-
res - Escorços
Centrais - S. P.



20 anos
José Antonio Fer-
reira - Constru-
ções - S. Paulo



20 anos
Davi C. Pinto
Alimentação
S. Paulo



10 anos
Salmirama Olivei-
ra - Itapoa
S. Paulo



10 anos
Sérgio P. R. Al-
buquerque - Mac-
Gilha - Minas



10 anos
Verina C. Oli-
veira - Barretos
S. Paulo



20 anos
Francisco Anti-
unes - Instala-
ções - S. Paulo

VETERANOS



35 anos
Augusto Albuquerque - Corisv.
D. Federal

20 anos
Jorge Malerba
Construções
S. Paulo



20 anos
Antonio Marçal
Instalações
S. Paulo



25 anos
Renato Cipriano
Divisão do Estado
— S. Paulo



26 anos
Octavio Costa
Conservação
D. Federal



20 anos
Vitorio Andreoso
Campanhas
S. Paulo



20 anos
Juan V. Salvador
Instalações
S. Paulo



20 anos
Alderico Mayer
Estudos da Planita
S. Paulo



20 anos
Sebastiana Knuppel
— Itatinga
S. Paulo



20 anos
José Ivarir
Estudos da Planita
S. Paulo



20 anos
Euclydes P. Silva
Oficinas
S. Paulo



20 anos
Benjamin Frost
Equip. Assomadas
S. Paulo



40 anos
Encarnação Lopes
Jaboticabal
S. Paulo



10 anos
Inaura Pinto
Barras
S. Paulo



10 anos
Nômia Caetano
Bebedouro
S. Paulo



20 anos
José Máquinas
Instalações
S. Paulo



A Srta. Carmen Mariana Fernandes, telefonista em Presidente Alves, S. Paulo, tendo deixado os serviços da C. T. B., apresenta, por intermédio de SINO AZUL, as suas despedidas aos colegas, manifestando o seu pesar ao deixar o seu agradável convívio.



Conselhos às donas de casa

GESSO PARA MATAR BARATAS — Tudo que se aconselha para combater as baratas deverá ser usado com paciência e perseverança. Para se conseguirem resultados satisfatórios, é necessário trazer a cozinha perfeitamente limpa, principalmente à noite.

Entre os remédios aconselhados para a extinção desses repugnantes bichos, aconselha-se a seguinte mistura: farinha de trigo, açúcar e gesso, em partes iguais. Depois de bem limpos todos os armários e gavetas da cozinha, coloca-se a dita mistura. O cheiro atrai as baratas. Ao comer a mistura, o gesso endurece no seu estômago, causando-lhes a morte.



Aos 20 graus ideais

SPES — São Paulo

Quecimento e o arejamento da habitação não são medidas de luxo, fácil-

A ciência e a nova civilização

"COM espantosa rapidez, dentro dos últimos vinte anos, o homem estendeu sua visão", escreveu o grande físico americano Robert Andrews Millikan. "Lançou o olhar para íntimo do átomo, corpo com a milionésima parte do diâmetro duma cabeça de alfinete, e descobriu um núcleo infinitamente menor. Lançou depois o olhar para dentro deste núcleo e observou o entrelaçamento da irradiação sobre os electrons, ao mesmo tempo dentro do núcleo e fora dele, e por toda a parte encontrou maravilhosa ordem e sistematização. Mais uma vez o homem voltou seu microscópio sobre a célula viva e achou-a mesmo mais complexa do que o átomo, com muitas partes, cada uma exercitando sua função necessária à vida do todo. E mais uma vez voltou seu grande telescópio para a nébula espiral, distante um milhão de anos-luz, e ali também encontrou sistema e ordem."

Considerando tudo isto, Millikan exclamou: "Haverá ainda alguém que fale a respeito do materialismo da ciência? Pelo contrário, o cientista se ajunta ao salmista de mil anos atrás ao testemunhar, reverentemente, que os Céus proclamam a glória de Deus e o Firmamento manifesta a Sua obra. O Deus da Ciência é o espírito da ordem racional e do desenvolvimento ordenado — o fator integrante no mundo dos átomos, do éter, das idéias, dos deveres e da inteligência."

Millikan, que investigou o poder penetrante dos raios cósmicos, que conseguiu isolar o electrico e medir-lhe a carga, concluiu, baseado nas suas descobertas científicas, que "há uma inter-relação, uma unidade, uma unicidade, em toda a natureza, e que, todavia, é ainda um mistério maravilhoso... A moderna ciência da realidade", escreveu Millikan, "está pouco a pouco aprendendo a caminhar humildemente com seu Deus, e, ao aprender esta lição, está contribuindo de algum modo para a religião."

mente dispensáveis, mas condições necessárias à proteção do organismo e ao seu bom funcionamento. Tanto é prejudicial o excessivo frio como o excessivo calor, e como o confinamento do ar. As temperaturas muito distantes de 20 graus centígrados — que é a temperatura ideal para o ótimo funcionamento do organismo — são nocivas especialmente ao organismo das crianças, dos velhos e dos indivíduos doentes; e se além disso o ar é confinado, mais se agravam os prejuízos, pelo grande aumento de umidade.

Na falta de ar condicionado, que é recurso só para abastados, procure manter os cômodos de sua casa, tanto quanto possível em torno dos 20 graus ideais. Para isso, conserve sempre as janelas abertas, ou fechando apenas as venezianas, e, quando preciso, utilize meios de aquecimento artificial, como aquecedores elétricos, tomando, nesse caso, o cuidado de ter no cômodo uma vasilha com água ou uma peça de roupa úmida, para evitar que o ar se torne excessivamente seco.



Entrega de emblema em Barbacena, Minas

NO dia 17 de Outubro último, em Barbacena, Estado de Minas, Oswaldo Geraldo, Chefe de Distrito da Rede, Interino, no Distrito Central de Minas, entregou a Odon Cyrillo dos Passos Filho o sino

de bronze, por ter o mesmo completado 10 anos de serviço na Companhia Telephonica Brasileira.

A fotografia acima mostra o homenagem entre seus chefes e colegas.



Laboratório de Equipamento e Transmissão

ENTREGA DE EMBLEMA

COMPLETOU 10 anos de serviço em nossa Companhia Wenceslau Moraes, da Secção do Laboratório de Equipamento e Transmissão, no Distrito Federal.

Na fotografia, vemos A. Machado Guimarães quando colocava o sino de bronze na lapela daquele veterano,



LAGO DE ASFALTO

NA parte sul da ilha de Trinidad, uma das Antilhas, existe um dos maiores depósitos de asfalto do mundo, formando um imenso lago, chamado pelos indí-

genas lago de pez. Dêle são extraídas anualmente centenas de toneladas de asfalto e enviadas para a Europa e Estados Unidos. E' uma grande extensão de liquido negro e denso, de cujo centro emerge, irregularmente, borbulhas crepitantes, estan-

do com as margens solidificadas. O terreno contiguo a êste estranho lago está quase por completo impregnado de asfalto e é fertilissimo. Os habitantes de Trinidad afirmam que o citado lago contém mais asfalto que o Mar Morto.



O NAUFRÁGIO

O grande vapor levava a bordo mais de duzentas pessoas de tôdas as idades e de tôdas as classes sociais.

Eram como que uma grande família, vivendo numa enorme casa, de onde se avistavam somente céu e água.

Os tripulantes exteriorizavam a sua alegria, uns conversando alto e rindo, outros cantando velhas canções, como se estivessem na própria casa, porque depois de alguns dias de terrível ventania o sol havia despontado lindo e o mar estava tranquilo como numa manhã de primavera.

Os tubarões famintos acompanhavam o navio, com a esperança de uma farta refeição; contudo, tinham que se contentar com os restos que os cozinheiros lhes atiravam.

Naquela formosa manhã, o que mais atraía a atenção dos tripulantes era um marinheiro que tocava sanfona, sentado num montão de cordas, junto ao mastro.

Era um belo tipo de homem; devia ter no máximo vinte e cinco anos. Pele queimada pelo sol escaldante dos mares do sul, compleição atlética e estatura elevada. Tinha os cabelos louros e ondedos e os olhos verdes, de um verde tão profundo, como se de tanto fitar as águas do mar tivesse roubado uma partícula do colorido das suas profundezas.


O seu porte e o seu perfil, de linhas puras, lembrariam uma divindade grega se o ambiente não fôsse tão rude. Apesar do pôsto medíocre que ocupava, o marinheiro conservava certa altivez e certa expressão no olhar, como se guardasse ternas recordações de uma vida diferente, em época remota.

Nascera em uma ilha do Atlântico e era oriundo de uma família de ousados navegadores, que fizeram do comércio uma poesia. Estava vestido quase pobremente; todavia, pouco se importava com a singeleza dos seus trajes, pois a sua satisfação era visível. Usava calções e jaqueta azues e blusa branca; na cabeça trazia um desses gorros semelhantes aos que os piratas usavam no começo deste século.

Seus companheiros de viagem estavam tão enlevados com a música que não perceberam que o sol se estava escondendo pouco a pouco, e começava a soprar, vindo do norte, um vento inquietante. A chuva começou a cair em pingos grossos, como se nuvens de flechas fôsem arremessadas do céu. O mar começou a engrossar e o vento, aumentando de minuto a minuto, tornou-se de uma fúria tremenda. A tripulação ansiosa fitava o mar ameaçador. Os marinheiros, apesar de acostumados com essas borrascas, mostravam-se bastante preocupados, pois o navio estava em alto mar e

Por L. ZERBINI

Departamento
do Tráfego —
Guaxupé-Minas
Gerais



impossibilitado de ser socorrido se houvesse uma catástrofe. Súbito, uma vaga elevou-se tão alto como uma grande muralha e, por estibordo, veio desmoronar-se na proa, levando um dos maiores mastros, como se levasse uma fôlha, tal a violência, a rapidez do embate. As ondas encapeladas levavam o navio como se fôsse de papel. As águas invadiam as máquinas e varriam o tombadilho, arrastando tudo em sua passagem. As caldeiras foram-se apagando, retardando a marcha do navio. Os valentes marujos tudo faziam para conservá-las acesas, porém as águas podiam mais do que eles e sempre saíam vencedoras.

A bordo o espetáculo era comovedor. Ouviam-se alaridos; mães aflitas chamavam pelos seus filhinhos, que ficavam perdidos ou mortos no meio da tormenta.

O capitão, um homenzinho enérgico, de olhar ardente, conservava-se aparentemente calmo e procurava consolar os passageiros como podia. O imediato transmitia as ordens dadas por ele e os marinheiros, que eram homens robustos, de rostos crestados e vozes fortes, executavam-nas lutando heróicamente.

De repente, um dos marinheiros lembrou-se dos escaleres, mas quando um deles estava repleto de tripulantes, uma onda o abateu, levando-o para o fundo do oceano. Outros barcos, como o primeiro, foram tragados pelas ondas.

O navio era um montão de ruínas. Não se ouviam mais lamentos, porém nos semblantes dos que ainda estavam com vida notava-se um desespero sem limites. Os mais devotos rezavam, pedindo a Deus uma boa morte. Todos compreendiam que o navio se estava submergindo e sabiam o destino que os aguardava. O capitão, com os sobrolhos carregados, fitava os restos do navio, companheiro de tantos anos e de



CENTRO DE PRESIDENTE ALVES, S. PAULO

SUA TRANSFORMAÇÃO EM SEMITRIBUTÁRIO

O Centro Telefônico da localidade de Presidente Alves, no Estado de São Paulo, pelo seu volume de tráfego interurbano, que dia a dia vem em contínua ascensão, foi transformado em semitributário. Assim é que no dia 1.º de Agosto último passou àquela categoria, tendo comparecido ao ato Ney Marques de Pontes, Chefe de Distrito de Tráfego; Waldemar Ferreira Leal, Chefe da Zona de Baurú, a que Presidente Alves está subordinada, e José Esteves de

Souza, Chefe da Planta do Distrito.

A solenidade, que se revestiu de simplicidade, compareceu todo o pessoal do Tráfego local, tendo falado Waldemar Ferreira Leal. Foram servidos licores e doces finos, tendo sido tirada a fotografia acima.

Nela, vemos, da esquerda para a direita, em pé: José Esteves de Souza, Chefe da Planta do Distrito; Srtas. Lourdes Auta de Oliveira e Zilá de Campos, Telefonistas; Gecy Mortari, Telefo-

nista-Instrutora; Alice Ribeiro e Sebastiana de Oliveira Pinto, Telefonistas e Antonio Chamorro, Escriurário da Chefia de Distrito de Tráfego. Sentados, na mesma ordem: Waldemar Ferreira Leal, Chefe da Zona; Sra. Maria José de Aruda Campos, Agente da Estação e Ney Marques de Pontes, Chefe de Distrito de Tráfego.



Fim de três grandes poetas

SE se pode dar crédito às tradições, as mortes dos três maiores poetas trágicos da antiguidade foram devidas a casos verdadeiramente estranhos.

De Esquilo conta-se que, saindo um dia de casa, sentou-se fora para gozar do belo sol. Uma águia que levava no bico uma tartaruga, imaginando que o crânio liso e luzidio do poeta fôsse uma pedra deixou cair sobre ele a tartaruga para parti-la e comer-lhe a carne! Assim acabou o criador da tragédia.

Esta é uma fábula que por muitos séculos foi aceita como verdade indiscutível.

Eurípidés, ao voltar a casa depois de uma lauta ceia entre amigos, foi despedaçado por cães!

Sófocles morreu por excesso de alegria.



tantas aventuras, que aos poucos desaparecia nas águas revôltas.

O marinheiro que vimos no começo desta narrativa tocando sanfona lançou o último escalor ao mar. Depois de lutar desesperadamente com as ondas furiosas, conseguiu fazer com que algumas mulheres e crianças chegassem até ele. Com uma força sobre-humana, conseguiu afastar-se do navio quase submerso.

De longe os naufragos viram o navio desaparecer de todo e com ele a figura ereta do capitão, tranquilo e sublime no seu heroísmo.

.....
Na manhã seguinte, o mar estava calmo e sereno.

Lá ao longe, as gaivotas esvoaçavam, irrequietas, em volta de um bote que mais parecia uma casca de noz naquela imensidade d'água.

Só havia um tripulante. Estava sujo, es-

farrapado e tão exausto que as suas mãos recusavam segurar os remos.

Seus olhos eram verdes e a brisa brincava com os seus cabelos louros...



Mortes singulares

ARETINO morreu rindo, Bajazet morreu numa jaula de ferro, Carlos, o Mau, foi queimado em espírito de vinho. O duque de Clarence afogou-se num tonel de malvasia. O almirante Drake foi devorado por caranguejos.

Gabriela d'Estrées foi envenenada por uma laranja. Henriqueta de Inglaterra, envenenada por um copo d'água. Joana d'Albert, envenenada por um par de luvas. Marat, assassinado por Carlota Corday. Margarida de Borgonha, estrangulada com os seus cabelos. Pilatre de Rozier, precipitado de um balão. Plínio, o Antigo, sufocado pelas cinzas do Vesúvio. O abade Prévost, aberto vivo por um cirurgião.

Você tem Câncer ?

Pelo DR. M. H. MANSON, Diretor Médico, A. T. & T. Co.

O câncer, logo após as afecções cardíacas, é o maior consumidor de vidas, atualmente, nos Estados Unidos. Mais de 160.000 pessoas morrem anualmente desse mal. O Congresso tomou conhecimento do terrível tributo em 1938, e a Sociedade Americana do Câncer, Inc., promove todos os anos uma campanha em todo o país, instruindo o povo americano sobre o câncer e fornecendo auxílio financeiro ao estudo dessa tremenda moléstia. Vejamos os fatos.

O câncer, ao contrário da tuberculose, do sarampo ou da pneumonia, não é produzido por germes; não é, portanto, contagioso. É o crescimento desordenado, sem contróle, da parte de algum órgão ou tecido do corpo. Ele começa numa única célula ou num grupo de células e, se não removido ou atalhado no seu aparecimento, invade o tecido são, prejudicando o trabalho normal daquelas células. As células cancerosas podem ser levadas pelo fluxo sanguíneo a outras partes do corpo, e quando isso acontece geralmente começou

seu estágio incurável. Por isso é muito importante descobrir e tratar o câncer logo na sua fase inicial.

A dor é um sintoma raramente observado no início do câncer, mas há outros sinais de perigo (vide abaixo) que justificarão a consulta imediata ao médico. Esses sinais podem ser ou não alarmes falsos. Desprezá-los pode ser fatal. É muito mais seguro consultar um médico competente para uma identificação positiva, porque o câncer tratado a tempo pode ser curado.

A causa de as células perfeitamente normais se tornarem tão virulentas ainda é um mistério. As autoridades médicas têm tido provas de que uma irritação prolongada ou crônica causa alguns tipos de câncer, como por exemplo a irritação contínua dos lábios produzida pelo uso do cachimbo. Tem-se feito progresso nas pesquisas e espera-se, em futuro não muito distante, encontrar a causa do câncer.

O câncer não respeita idade ou sexo, embora se

manifeste geralmente entre os 40 e 70 anos, afetando mais as mulheres que os homens.

Porque o câncer pode ser curado se descoberto e tratado a tempo, os exames médicos periódicos são de vital importância, principalmente entre as pessoas de meia idade. Não desperdice tempo experimentando remédios de curandeiros ou lentivos. A cirurgia, os raios X e o rádio, sôzinhos ou combinados, são os únicos métodos de tratamento admissíveis e reconhecidos pela medicina.

OS 7 SINAIS DE PERIGO:

- 1 — Feridas que não cicatrizem.
- 2 — Massa informe ou in-tumescência no seio ou em qualquer outra parte do corpo.
- 3 -- Qualquer hemorragia anormal.
- 4 — Uma alteração em manchas da pele ou cravos.
- 5 — Indigestão permanente ou dificuldade na deglutição.
- 6 — Rouquidão ou tosse persistentes.
- 7 — Qualquer mudança nos hábitos intestinais normais.

(Gentileza de "Southern Telephone News")



A UTILIDADE DA LARANJA

Há cerca de trinta ou quarenta anos, nos Estados Unidos, a laranja servia quase somente para ser comida aos gomos ou espremida para que se lhe extrairse o caldo.

Hoje, depois de muitos estudos realizados pelo Departamento de Agricultura e por instituições industriais particulares, a laranja tãda, inclusive bagaço e caroço, é aproveitada para a alimentação do homem, para forragens e para vários outros fins.

Em 1945, cêrca de 74% das laranjas cultivadas nos Estados Unidos eram consumidas como frutas para a extração de subprodutos. Entre êsses subprodutos encontram-se a pectina, extraída da camada branca que existe sob a casca e que se chama albedo, usado para geléias, doces, jujubas e, algumas vêzes, como substituto do plasma sanguíneo; o óleo, derivado da casca, usado como essência para perfumes e loções; a casca sêca, usada como forragem para os animais; o suco enlatado; o óleo dos caroços, usado como gordura; as saladas cítricas;

o suco concentrado; o melão cítrico e o álcool.

O suco da laranja concentrado (parcialmente desidratada) foi intensamente usado como elemento nutritivo durante a guerra e atualmente faz parte das refeições das crianças, nas escolas dos Estados Unidos, como complemento de regime alimentar.

Para a produção do suco concentrado são geralmente empregadas as frutas pequenas e de coloração fraca, as quais não encontrariam bom preço como frutas frescas. O suco concentrado é muito rico em vitamina C.

UMA PEÇA SIMPLES COM FUNÇÕES DE VÁLVULA

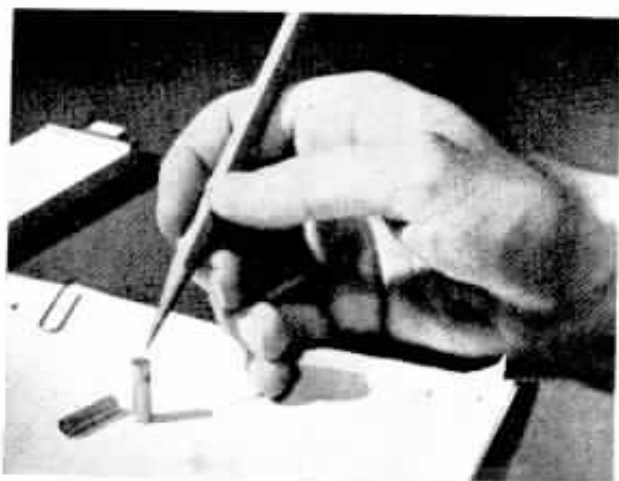
Os cientistas dos Laboratórios Telefônicos Bell inventaram um pequeno aparelho que desempenhará brevemente todas as funções de uma válvula comum e cuja demonstração foi feita no dia 30 de Junho último.

O seu nome é Transistor e todo o aparelho cabe dentro de um cilindro de metal de menos de uma polegada de comprimento. Mais de cem deles podem facilmente caber na palma da mão.

O invento está ainda na fase de experiência, mas os cientistas Bell esperam que ele produza efeitos de grande alcance no campo da comunicação elétrica.

O Transistor servirá como amplificador ou oscilador. É mais simples, menor e mais poderoso que a válvula, que atualmente desempenha aquelas duas funções básicas. O novo aparelho não tem vácuo, envoltório de vidro, grade, chapa, nem cátodo e, portanto, nenhum detentor de aquecimento.

O Transistor funciona de acordo com um princípio de física inteiramente novo, que se relaciona com as propriedades elétricas dos sólidos. A sua descoberta responde à pergunta que os cientistas fizeram durante anos: — Como fazer os semi-condutores ampliarem?



O tamanho do pequeno aparelho pode ser calculado pelo da mão



Cientistas dos Laboratórios Bell: sentado o Dr. William Shockley; à esquerda, o Dr. John Bardeen e à direita, o Dr. Walter H. Brattain. Aos dois últimos se deve a descoberta

Dentro do pequeno cilindro de metal do Transistor há dois fios da grossura de um cabelo. Afastados apenas dois milésimos de polegada, eles ficam em contato com a extremidade de um pino de sólida matéria semi-condutiva. A ação interior da entrada e saída das correntes passando ao longo das "barbas de gato" causa a amplificação. A "área de ação interior" ("interaction") está no ponto de inserção.

As demonstrações realizadas nos Laboratórios Bell evidenciaram que é preciso não limitar o uso do Transistor à comunicação telefônica. Numa das demonstrações foi recebida uma irradiação num aparelho de rádio inteiramente desprovido de válvulas, mas usando, ao invés, vários dos finos cilindros para dar a amplificação.

A descoberta da "área de ação interior", que tornou realidade o Transistor, foi realizada pelos Drs. John Bardeen e Walter H. Brattain. Como componentes do pessoal técnico dos Laboratórios Telefônicos Bell, eles trabalharam sob a direção do Dr. William Shockley.

(Gentileza de "Southwestern Telephone News")



VÍTOR HUGO E A ACADEMIA

UM jornal do tempo publicava: "Consta que Vitor Hugo tomará o lugar do arcebispo de Paris."

Referia-se à cadeira da Academia, vaga

pela morte do arcebispo à qual Vitor Hugo se candidava pela quarta vez.

Ao ler, estupefato, a notícia, um amigo do escritor não se conteve:

— Nunca neguei o valor incontestável de Vitor Hugo, mas, francamente, não acredito que o nomeiem arcebispo de Paris.



PAGINA INFANTIL



IVONE, filha de Joaquim Mendes, da Secção de Estudos da Planta, de S. Paulo, ao completar dois anos em Setembro último.



IVONE, filha de Nascimento Alves de Oliveira, de Olímpia, S. Paulo e de sua esposa, D. Alzira Alves de Oliveira.



MARGARET, neta de Raphael Tobias Antonini, Sub-Chefe das Oficinas de S. Paulo, e que completou um ano de idade em 17 de Outubro último.



ANTONIA CÉLIA, irmã da Srta. Odete Caldas, de S. José do Rio Preto, S. Paulo.



CONCEIÇÃO GRAÇA, filha de José Barbosa Netto, Encarregado do Posto Telefônico de Ponte Nova, Minas, e de D. Eder Vasconcellos Barbosa, de um ano de idade.



ALDINA e ROSALINA, filhas de Angélico de Lima, da Secção de Construções, S. Paulo, e de D. Maria H. Lima, no dia de sua primeira comunhão.



YARA, filha de Lazaro Tavares e de D. Neyd P. P. Tavares, ambos de Campinas, S. Paulo.





MARINA HELENA, de um ano de idade, filha de Ambrosio Velho Neto, Chefe da Estação Telefônica de Amparo, S. Paulo, e de sua esposa, D. Maria Dall'Ara Velho.



HERCULES JOSÉ, filho de José Alves Pereira, Guarda-Fios de Olimpia, S. Paulo.

ALUIZIO, filho de Antonino Cabral de Lacerda, da Engenharia da Rede da Divisão dos Estados do Rio e de Minas, e de D. Carmen M. Lacerda, no dia de sua primeira comunhão.



ROBERTO CARLOS, com 2 anos de idade, filho de Paulino Burini, de Jaú, S. Paulo, e de D. Irene B. Burini.

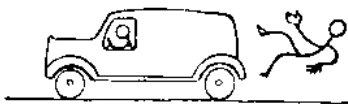


APARECIDA JOSEFINA, filha do Sr. Amadeu C. Bínco e de D. Carmela Velardo Bínco e neta de Sixto Velardo, Sub-Encarregado da Seccção de Conservação de S. Paulo, no dia 1 de Novembro, em que foi festejado o seu primeiro aniversário natalício.

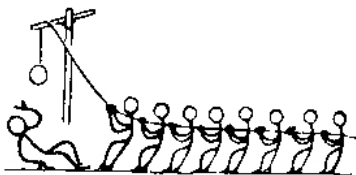


SRTA. LUZIA, filha de Antonino Cabral de Lacerda, da Engenharia da Rede da Divisão dos Estados do Rio e de Minas, no Distrito Federal, e de sua esposa, D. Carmen Micas de Lacerda.

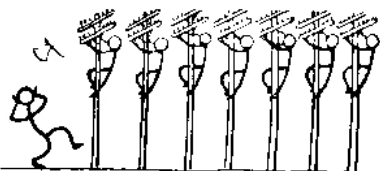
SEGURANÇA ANTES DE TUDO



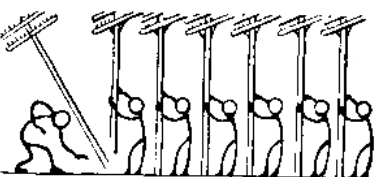
*São dez instaladores. Vão na hora
Instalar linhas. Um cai. Nove, agora.*



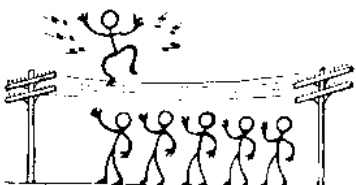
*Os nove um grande pêso levantavam.
De um escapole o cabo. Oito restavam.*



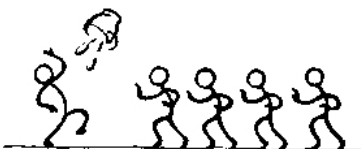
*Os oito trepam em postes. Um mete
A machadinha mal. Cai. Ficam sete.*



*Êsses sete vão postes levantar.
Um deixa o seu cair. Seis vão ficar.*



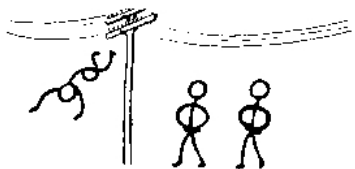
*Seis que a vida não zelum com afinco.
Um pisa o condutor. Sobram cinco.*



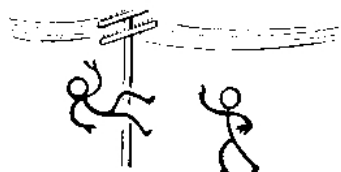
*Os cinco vão segundo. O caldeirão
Da solda um deles vira. Quatro são.*



*Vão os quatro numa árvore subir.
Um fulminado cai. Três vão seguir.*



*Um já subiu, os outros vão depois.
Não foi de cinturão, zás! Restam dois.*



*Vão terminar os dois labor comum.
Um bate em cabo errado. Fica um.*



*Êsse um da prevenção volta ao estudo
E exclama: - "Segurança antes de tudo".*

(Adaptação — Gentileza de "Telephony")



CARMINE BLOTTA

FALECEU em 20 de Setembro último Carmine Blotta, que trabalhou no escritório da Planta de Araraquara, S. Paulo, de onde se aposentara em Março. Foi muito sentido o seu falecimento.

D. EPONINA PALERMO

VITIMA de grave acidente, faleceu em 21 de Setembro último D. Eponina Palermo, do Tráfego Interurbano da Capital de S. Paulo. Apesar de ter poucos anos de serviço, era muito estimada.



DAGOBERTO C. FERNANDES

APOS 22 anos de serviço na C. T. B., faleceu em 22 de Setembro Dagoberto Carvalho Fernandes, da Secção de Conservação de S. Paulo, onde gozava de grande estima.



ANTONIO JOAQUIM DE SOUZA

CAUSOU grande pesar o falecimento de Antonio Joaquim de Souza, da Secção de Construção de São Paulo, onde conquistou a simpatia geral durante seus doze anos de serviço.



MANOEL SALDANHA

NO DIA 17 de Novembro, faleceu Manoel Saldanha, da Secção de Conservação da Divisão do Distrito Federal. Manoel Saldanha foi readmitido na C. T. B. em 18 de Março de 1929, tendo sido muito sentido o seu falecimento.



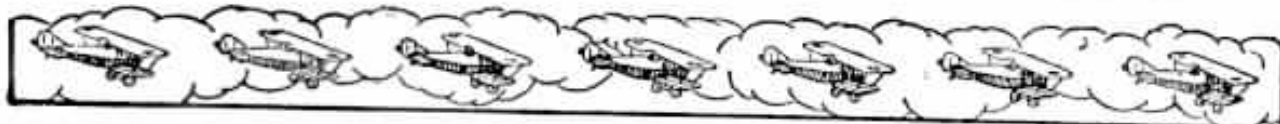
FIDELIS BEIRAL

INESPERADAMENTE, faleceu em 22 de Outubro, em Cafelandia, S. Paulo, Fidelis Beiral, Chefe daquela estação e cujo passamento encheu de pesar a todos que com ele lidavam, desde que entrou para a C. T. B., o que se verificou em 1.º de Maio de 1937.



ANTONIO RIBEIRO

PROFUNDA mágoa ocasionou o falecimento, no dia 23 de Novembro, de Antonio Ribeiro, da Secção de Instalações da Divisão do Distrito Federal. Admitido no dia 22 de Março de 1937, Antonio Ribeiro granjeou grande número de amigos durante esses onze anos de serviço.



ANIVERSÁRIO



★

22 de Dezembro

Elean José da Silva
Divisão dos Estados
do Rio e de Minas
Distrito Federal.

★

CASAMENTOS



ENLACE ALEKSANDERS ZINGIS-ANNA ZUBOVICH

REALIZOU-SE no dia 25 de Setembro próximo passado, na capital de S. Paulo, o enlace matrimonial de Aleksanders Zingis, estimado Auxiliar Técnico da Secção de Estudos da Planta da Divisão do Estado de São Paulo, com a Srta. Anna Zubovich.

A fotografia acima foi tirada por ocasião da cerimônia religiosa, no momento da imposição das alianças.



ENLACE HELIO MACHADO LARA-ENIA LARA

EFETUOU-SE no Distrito Federal, no dia 24 de Julho próximo passado, o enlace nupcial de Helio Machado Lara, Escriturário da Secção de Conservação de Linhas Interurbanas, da Divisão dos Estados do Rio e de Minas, com a Srta. Enia Lara.

Foram muitos os colegas que compareceram às cerimônias civil e religiosa dos sponsais de Helio Machado Lara.



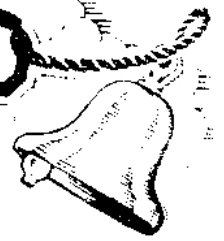
ENLACE HONORATO R. PEREIRA-NARCIZA SILVA

NO DIA 2 de Outubro próximo passado em S. Paulo, efetuou-se o casamento de Honorato Rodrigues Pereira estimado funcionário da Secção de Conservação da Divisão de S. Paulo, com a Srta. Narciza Silva. Após o ato civil foi tirada a fotografia acima, em que se vêem os nubentes.





Repicando



E AGORA ? ...

ORDEM É ORDEM!

Um freguês entrou numa charutaria, pediu cigarros e deu uma prata.

— Esta prata é de estanho. Não posso recebê-la. E' contra a ordem.

— Mas foi aqui mesmo que eu a recebi ontem, não se lembra ?

— Pode ser, porque não estamos proibidos de passá-las. A ordem é apenas não recebê-las !

REVELAÇÃO DO PAPA-GAIO

— Por que você desfez seu compromisso com a Elisa ?

— Porque seu papagaio, ao nos ver juntos, sempre dizia :

“Pedro, olhe lá ! Cuidado que a mamãe pode vir...”

— E que importância tinha isso ?

— E' que eu não me chamo Pedro.

CANTORA INDESEJÁVEL

— Em primeiro lugar, cantarei uma bela canção e, em seguida, irei dormir.

— Não podia você fazer o inverso ?

COZINHEIRO CAPRICIOSO



— Esse pessoal da Telefônica apreciará, certamente, um “menu” a caráter para o banquete, mas também não é preciso você enrolar o espaguete num carretel de cabo telefônico.

(De “Long Lines”)



— Ele diz que o telefone está com defeito e pede um reparador que goste de crianças e possa trabalhar esta noite das 20 às 22 horas.

(De “Indiana Telephone News”)

VENENO...

— Querida Julia. Vou dar-lhe uma novidade que certamente a surpreenderá muito. Alfredo pediu-me, ontem, em casamento.

— Ao contrário, filha, isso não me surpreende.

Quando desmanchei o namôro com o Alfredo ele me disse que seria capaz de fazer uma grande asneira.

NA AULA DE GINÁSTICA

— Por que não usas as paralelas ?

— Impossível. O meu professor de geometria diz que as paralelas não se tocam.

GUILHOTINA

Um condenado à guilhotina dizia tristemente para um sacerdote que o animava :

— Sinto apenas que a justiça não permita seguir o conselho de meu bom pai.

— Que conselho ?

— Quando morreu disse-me : “Sejam quais forem os acontecimentos de tua vida, conserva a serenidade e não percas nunca a cabeça.”

NUMA AGENCIA DE EMPREGOS

— Foi o senhor quem me indicou aquela cozinheira ?

— Fui eu, sim.

— Pois eu vim buscá-lo para comer, comigo, o jantar que ela fez !

“LISONJEADOR”

Senhora idosa : — Que idade me dá ?

Cavalheiro respeitoso : — Vinte e sete anos.

Senhora, lisonjeadíssima : — Como adivinhou ? É fisionomista ?

Cavalheiro — Não, sou comerciante. Faço cinquenta por cento de abatimento.

DIANTE DA VENUS DE MILO

— Por que afirmas que esta é a estátua da Agricultura ?

— E' claro. Não dizem que a agricultura carece de braços ?

PRATO DO DIA: ROUPA VELHA

Um dos mendigos : — Não nos convem entrar neste restaurante. Poderiam nos confundir com o prato do dia...

REDUÇÃO DE PENA

O general em chefe mandou prender um soldado por ter desobedecido às suas ordens e ordenou ao ajudante :

— Dêem-lhe quatro tiros, por ser covarde.

— Meu general, saberá V. S. que esse homem foi recomendado pelo ministro — observou o oficial.

— Pois bem, se foi recomendado, dêem-lhe somente dois tiros.

QUEM AVISA AMIGO É...



— Já não lhe avisei tantas vezes que não colocasse o fone no aparelho com tanta violência ?

(De “Long Lines”)



BOAS FESTAS
FELIZ ANO NOVO

Companhia Telephonica Brasileira
1948-1949

